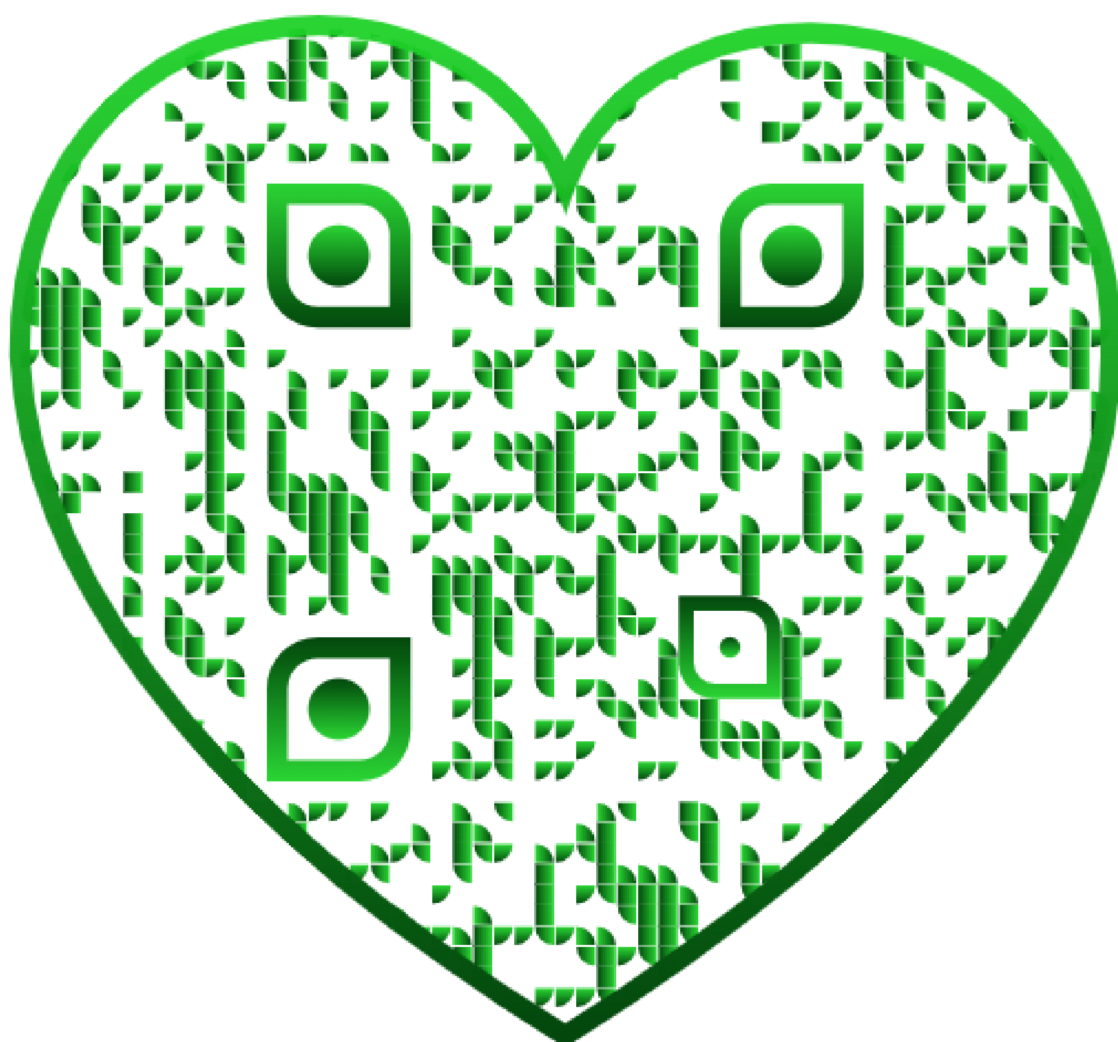
UM CONTO DE *MARY HADES*

# IRMÃ

SARAH DALTON



# Irmã

## Sarah Dalton

Traduzido por Lislaine M. Oliveira

“Irmã”
Escrito por Sarah Dalton
Copyright © 2016 Sarah Dalton
Todos os direitos reservados
Distribuído por Babelcube, Inc.
www.babelcube.com
Traduzido por Lislaine M. Oliveira
Design da capa © 2016 Sarah Dalton
“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

# Índice Analítico

Página do Título
Página dos Direitos Autorais
Irmã | Sarah Dalton
Sombra
Irmã
~ Nota da Autora ~
Sobre a Autora:

# Irmã

# Sarah Dalton

Traduzido por Lislaine M. Oliveira

“Irmã”

Escrito por Sarah Dalton

Copyright © 2016 Sarah Dalton

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Lislaine M. Oliveira

Design da capa © 2016 Sarah Dalton

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Irmã
- Sombra
- Irmã
- ~ Nota da Autora ~
- Sobre a Autora

# Sombra

Eu nasci cinco meses depois da Lila. A segunda neta. Em minha aula de psicologia, teóricos ensinam-nos que a ordem em que as crianças nascem afeta nossa saúde psicológica. Como a segunda neta eu deveria estar sempre buscando aprovação, tendo a consciência do fato que minha prima mais velha ganha toda a atenção. É verdade que a Lila era mais extrovertida quando criança. Ela era mais conversadeira e engraçada. No Natal, ela cantava canções na frente da televisão e fazia minha avó dar risada. Mas como a primeira, segunda, e últimas netas entra os Quirkes, e as únicas crianças em nossas respectivas famílias, conseguimos selar um elo quase fraterno que nunca poderia ser rompido por rivalidades triviais ou pseudo-psicologia.

Foi um começo espinhosos para uma amizade bonita. Um caminhão azul em uma pilha de vermelho e nós duas queríamos ele. Lila venceu, e aquilo marcou o precedente para nós duas. Depois da perda do caminhão azul, seguida por um ataque de raiva de tarde, Lila trouxe-me seu último ursinho de goma, e tudo foi esquecido.

O caminhão azul é minha primeira memória. Alguns anos atrás, perguntei a Lila se era a dela também, mas ela disse que a dela era de nós brincando na praia de Scarborough com um balde e uma pá. Isso foi depois do incidente do caminhão. Lembro-me disso porque nossas mães tiveram uma briga e eu chorei quando Lila teve que ir embora mais cedo. Lila disse-me para não ficar triste e me abraçou, nossos braços gorduchos e infantis se agarrando.

Minha mãe está sempre discutindo com a tia Izzy. Por isso eu a visito sozinha agora. Elas fariam as pazes por alguns meses a cada ano, e Lila e eu passaríamos finais de semana deliciosos na praia, explorando angras e gritando com a aparição de águas-vivas trazidas pelo mar.

Eu amava aqueles finais de semana, mas, por alguma razão, quando penso neles, há a comichão de uma memória, como uma cicatriz meio formada. Sinto que se eu coçasse a cicatriz e deixasse a memória escorrer como sangue, haverá algo desagradável à espreita. Afasto o pensamento.

Quase nunca chove quando estou com a Lila, embora a força de sua personalidade possa deter o tempo na baía.

Está ensolarado agora enquanto levo meus pertences ao carro. Não preciso de muita coisa, só vou ficar uma noite. A tia Izzy terá a maioria das coisas que preciso.

Imagino que vou ficar no quarto de visitas de novo, aquele que é tão mais gelado que o resto da casa. Aquele com a lareira antiga que assovia quando o vento corre por ela. Nunca gostei daquele quarto.

O rosto da minha mãe mal se moveu da janela da cozinha. Seu longo cabelo preto, tão rebelde quanto o meu, está ainda mais desgrenhado que o normal, e os círculos debaixo dos olhos dela lhe dão um olhar levemente desvairado. Vendo-me ir para a casa da Izzy, mesmo por uma noite, é doloroso para ela. Ela torce o pano de prato nas mãos e afasta o olhar sempre que olho na direção dela. Cada vez um peso puxa meu coração para baixo, mas eu não tenho os meios para confortá-la. Nunca fomos boas em confortar uma a outra.

Frustrada com nossas teimosias mútuas, idênticas entre a minha mãe e a Izzy, bato a porta do carro com mais força do que pretendia. Isso faz minha mãe apressar-se para fora da cozinha.

“Você está com os mapas que o seu pai comprou no posto?” ela pergunta. Ela está descalça, e a barra da calça jeans está rasgada. É estranho ver a minha mãe assim. Normalmente ela é tão impecável.

“E os sanduíches, e meu celular está carregado, e eu tenho aquele taco de beisebol escondido debaixo do banco, embora eu ainda ache ridículo levá-lo”, respondo.

“As pessoas hoje em dia”, ela diz entre lábios apertados e cerrados. “Podem matar por um pacote de batatas.” Ela pausa para me olhar e seus olhos ficam vidrados. “Continuo me esquecendo quão grande você está. Veja, está tão alta quanto eu agora.”

Cruzo os braços e tento dar um sorriso tranquilizador. “Vou ficar bem, mãe. São só algumas horas, e eu já estive na via expressa com o pai milhões de vezes.”

“Você pegou os comprimidos, certo?” ela pergunta.

É preciso força de vontade para me impedir de revirar os olhos. “Claro.”

“O que você vai fazer lá mesmo?”

“Vamos assistir ao cometa”, respondo. “O céu deve estar limpo em Scarborough hoje à noite. Vai ser lindo.”

“Você podia assistir daqui”, minha mãe diz. Os olhos dela estão tão abertos e implorando que aqueles pesos puxam meu coração de novo.

“Não, mãe, você sabe por que estou indo.”

Ela baixa o olhar e eu penso tê-la ouvido fungar, mas não tenho certeza. “Bom, tudo bem. Você deveria ir logo para evitar o trânsito.”

“Ok, vejo você amanhã. Diga oi para o pai quando ele voltar. Diga que eu falei tchau.”

“Pode deixar”, ela diz.

Viro-me para abrir a porta do carro, e minha mãe segura meu braço. “Mary, você ainda está tomando seus comprimidos, não é?”

Engulo em seco, preparando-me para responder. “Sim, claro que estou.”

Os olhos dela apertam um pouco enquanto ela tenta me examinar. Todos os dezessete anos de conhecimento sobre mim parecem estar trabalhando naquele único olhar. Por um segundo, sinto como se nós duas soubéssemos que estou mentindo, e sabemos que a outra sabe isso. Mas, então, eu a pego desprevenida com um abraço.

Ela me aperta forte, e dessa vez eu a ouço fungar alto. “Tome cuidado, querida. Dirija com segurança. Não ultrapasse o limite de velocidade.”

“Pode deixar”, digo.

Ela me solta e se afasta enquanto abro a porta do carro. O motor começa suavemente. É um carrinho bom, confiável e descomplicado. O que meu pai chama de “bom começo”.

Nós acenamos uma para a outra mais uma vez enquanto coloco o carro na primeira marcha. A pressão cresce para não deixar o carro morrer, e enquanto procuro a meia embreagem com o pedal, há um momento em que acho que posso deixá-lo morrer. Mas supero isso e solto o freio de mão.

Minha mãe fica lá e acena enquanto saio da garagem para a estrada, muito provavelmente observando os adesivos L na cor verde desaparecerem na distância. Quando estou fora de vista da casa, solto um suspiro longo de alívio. Por um lado, dizer adeus para a minha mãe é a parte mais difícil da jornada. Por outro, o que vem a seguir será muito, muito mais difícil.

*

Lila foi a primeira a aprender a dirigir, mas então, ela foi a primeira a fazer a maioria das coisas.

Tínhamos catorze anos, e eu tinha ido para a casa da tia Izzy passar a noite. Minha tia é enfermeira e, às vezes, ela é chamada para um turno noturno de emergência. Quando isso acontece, Lila quase sempre tem um número de amigos de prontidão para aproveitar ao máximo a falta de

supervisão dos pais. Durante nossa adolescência ela era mestre em sair de fininho por janelas e manter namorados um segredo de minha tia.

Naquela noite, quem veio nos buscar foi o então namorado da Lila e o irmão mais velho dele. O irmão mais velho usava um boné de beisebol e dirigia com apenas uma mão no volante, mudando de marcha com altas rotações do motor.

"Onde cês querem ir?" ele nos perguntou. Seu discurso ininteligível e o modo como seus olhos demoravam em mim me davam calafrios.

Lila bebeu em uma garrafa de cerveja e laçou o braço no namorado. "Para as estrelas!"

"Quanto ela já tomô?"

"Posso dirigir?" Lila perguntou, inclinando-se para a frente e pressionando a bochecha contra o banco do motorista.

"Só se sentar no meu colo."

Enquanto Lila escalava para o banco da frente, eu apertava o encosto de braço mais forte do que já havia apertado algo antes, com tanta força que os ossos nas dobras dos dedos se ressaltavam da minha pele, e minhas unhas deixavam marcas de meia lua no couro. Lembro-me da risada aguda dela ao pegar o volante e dos gritos dos freios enquanto ela trabalhava nos pedais, o tempo todo o meu estômago revirando e a mão do namorado da Lila no meu joelho.

De alguma forma conseguimos chegar a casa em segurança naquela noite, mas nunca fomos às estrelas.

*

Havia um cometa no céu na noite em que Lila nasceu. A tia Izzy sempre nos contava a história quando íamos comer peixe com batatas na beira-mar.

"Ah, mãe, essa história de novo, não!" Lila revirava os olhos.

"Eu vi, sabe? Vi ele se movendo pelo céu, e eu soube que a pessoa dentro de mim queria sair, e eu soube que a pessoa que eu havia gerado seria merecedora disso tudo. E você é."

E enquanto as duas riam juntas, suas risadas contagiantes, pensei em como há algumas pessoas nascidas para as quais o mundo parece parar. Elas têm tamanha presença que criam um sinal. Elas são um rastro flamejante pelo céu. Izzy e Lila Quirke são essas pessoas. Sempre fui a garota agarrando o rastro delas, segurando suas partículas com as pontas dos dedos, e ao me permitir ser arrastada por elas, trago luz para a minha própria vida. Talvez o brilho delas passe para mim também.

E porque são criaturas tão vibrantes, esquecemos de olhar mais a fundo.

Sempre achei isso sobre a situação com a minha mãe e a Izzy.

Minha mãe é mais velha, sete anos. Ela ia para a escola todos os dias. Fazia a lição de casa. Passou na universidade e estudou matemática, onde ela conheceu meu pai e os dois se apaixonaram. Minha mãe sempre viveu a vida que devemos seguir, sendo boa, trabalhando duro, encontrando o homem certo e sossegando.

Foi a Izzy que me contou sobre os problemas da minha mãe para me conceber. Logo depois que a universidade acabou para os meus pais, eles se casaram, e minha mãe quis começar sua família. Ela tinha passado um tempo cuidando da irmã mais nova e sempre quis ter um bebê.

Então, quando a Izzy engravidou aos dezesseis anos, foi uma adaga no coração da minha mãe.

Parece tão trivial agora. Sou apenas cinco meses mais nova que a Lila, mas para a minha mãe foi uma traição. Izzy teve o bebê primeiro. Sua irmã irresponsável e impetuosa acabou tendo a

responsabilidade primeiro, e minha mãe ficou com ciúmes. Aqueles cinco meses foram carregados de tensão. Minha mãe hipersensível ainda morava com os pais, e meu pai morava com eles também. Ela recusava-se a falar com a minha pobre tia grávida.

Quando imagino como deve ter sido para todos eles, não consigo evitar me perguntar se nenhuma das duas irmãs conseguia ver a dor sob a superfície da outra pessoa. Uma Izzy de dezesseis anos nunca poderia entender como é se sentir inferior. Uma Susan de vinte e três não poderia ver como sua irmã inocente estava com medo.

E quando Lila nasceu, ela teve todos os 'primeiros' que minha mãe queria para mim. Ela respirou, andou e falou primeiro. Cativou meus avós antes de mim. Eu nunca me importei, mas minha mãe sim, e aquela tensão nunca sumiu daquelas duas mulheres.

E que entrada minha prima teve neste mundo! O parto da Izzy foi tão não convencional quanto sua concepção. Atraída para fora debaixo do céu noturno perto do cometa, uma jovem e inexperiente Izzy havia confundido as dores do parto com as contrações Braxton Hicks o dia todo e não deu muita importância. Quando sua bolsa estourou uma hora após o crepúsculo na véspera de um verão quente, ela só teve uma escolha — tentar andar até a casa o mais rápido que conseguisse.

Lila foi mais rápida.

Izzy puxou seu próprio bebê de entre as pernas em uma colina coberta de grama debaixo do rastro de um cometa. De volta a casa, minha mãe assistia à *Buffy A Caça Vampiros* no colo de seu marido, bebericando um chocolate quente, comigo aninhada e contente em seu útero.

Então, você pensaria que seria ela a crescer e tornar-se especial. Acharia que Lila teria ganhado as habilidades estranhas que recebi do Universo, ou os Poderes-Que-Sejam, ou integrados em minha genética, qualquer que seja. Mas não, aquela responsabilidade caiu em meus ombros em vez disso.

Contei a Lila tudo sobre isso um dia. Foi pelo telefone. Liguei para ela do nada.

"Mary", ela disse. Ela sempre soa tão empolgada em ouvir sua voz e fala como se você fosse a pessoa mais importante no mundo. Ela sempre evitou gírias modernas a favor do modo como as pessoas falavam em filmes antigos. "Estou tão feliz por você ter ligado, estava pensando em você agora mesmo."

"Estava?"

"Claro! Você está sempre em meus pensamentos, você sabe isso."

"Algo estranho aconteceu comigo hoje."

"Querida, você parece assustada. Qual o problema?" Imaginei-a falando comigo com o telefone na curva do pescoço enquanto fazia outra coisa com as mãos, provavelmente algo fascinante como folhear a *Vogue* ou pintar as unhas do pé.

"Você vai achar que sou maluca."

"Bem, espero que sim", ela disse. "Gosto de maluca."

"Eu tive um tipo de visão", respondo. "Vi algo e acho que estava morto."

Ela nem titubeou. "Morto como o quê? Morto zumbi? Ou morto fantasma?"

"Zumbi, acho. Mas a coisa é, *ninguém mais viu.*"

"Sabia!" Seu tom de voz aumentou como se ela tivesse acabado de receber notícias incríveis. "Eu sabia que você tinha algo assim dentro de você."

"Sabia?"

"Claro, querida. Recorda quando éramos pequenas e andávamos pelo cemitério da igreja na Castle Road?"

"Sim, eu me lembro daquele lugar. Era assustador."

"Você simplesmente parecia tão em *casa*, querida", ela disse.

“Mas, eu só estava assustada.”

“Não, não estava. Você segurou minha mão, lembra? E disse, ‘está tudo bem, eles só estão dormindo’.”

Eu me lembrava disso de outra forma, mas havia algo sobre o modo como Lila falava que fazia você querer acreditar em tudo o que dizia.

“Então, você acha que isso é algo especial?”

“Está brincando? Acho que isso é a *melhor* coisa que já lhe aconteceu. Coisas grandiosas vão acontecer com você. Posso sentir isso, e minha intuição nunca está errada”, ela falou.

“Até parece. Não sou nada especial, você quem tem o futuro brilhante”, disse e me lembro de rir também.

“Não, eu vejo algo muito diferente para o meu futuro”, ela respondeu. Havia algo sobre o tom de voz dela que parou a risada.

Minha cabeça está preenchida pela Lila no caminho até a casa da Izzy. Cada canção no rádio me lembra dela. Cada flash de sorriso dos carros vizinhos me faz pensar que é ela. Só quando a via expressa me pega suando de nervosismo que eu começo a me acalmar e concentrar.

Naquele dia quando me disse que eu teria um futuro importante, ela afastou-me da beira do medo. Uma tempestade estivera crescendo dentro de mim e ela ajudou a acalmá-la. Eu só queria que ela tivesse estado por perto para me ajudar em algumas outras crises.

Uma repentina pontada de lágrimas enche meus olhos quando um motorista irritado buzina para mim ao me ultrapassar pela direita. Eu não havia percebido quão devagar estava dirigindo. Talvez esteja nervosa em vê-las, e meu subconsciente me faz desacelerar o inevitável.

Afasto o pensamento e sigo em frente para a casa da tia Izzy.

Sobre uma coisa Lila estivera certa quando discutimos as Coisas que vejo. Elas são especiais para mim agora. Elas progrediram também. Não são apenas visões de zumbis. Consigo falar com os mortos. Fantasmas falam comigo. Às vezes eu os ajudo também.

O problema é: as pessoas acham que eu sou maluca.

Quando tive a estadia de um mês em um hospital psiquiátrico, Lila teria realmente me ajudado. Em vez disso, tive de lidar sozinha.

Mas, então, houve vezes em que a Lila teve de lidar com coisas sozinha também. O pensamento faz meu estômago contorcer-se. *Eu deveria ter estado lá para ela.*

*Nem sempre olhamos fundo o suficiente.*

Sou tão culpada quanto a minha mãe foi todos aqueles anos atrás.

Não importa agora. Tudo o que importa é chegar à casa da Izzy sem criar uma colisão na via expressa.

Com o pé no acelerador de forma mais confiante, o interior sibila passando por mim em um borrão. Eu ia parar e comer o sanduíche da minha mãe para o jantar, mas decidi ir em frente em vez disso. O ar está quente o suficiente para eu ficar com a janela aberta, e o cheiro dos vapores estraga a tarde de verão. Eu deveria chegar à casa da Izzy antes do anoitecer.

A casa dela fica isolada nas colinas que levam ao penhasco. É uma casa pequena, um bangalô de três quartos, com um jardim amplo que parece desaparecer na zona rural ao redor. É difícil acreditar que uma vez meus avós, meus pais e minha tia Izzy, todos se apertaram na casa, todos aqueles anos atrás.

Quando éramos crianças, Lila e eu corríamos e descíamos a colina até o campo vizinho, fingindo que éramos os últimos humanos restantes na Terra, enquanto o chalé da Izzy desaparecia atrás de nós. Imagino se a Izzy e a Lila ainda se sentem assim.

Somente uma vez preciso consultar o mapa, embora nunca tenha dirigido para a casa da Izzy antes. Já vim várias vezes, mas que criança se lembra das estradas exatas e onde virar? Elas só encaram para fora da janela, criando histórias em suas mentes, encarando os rostos que passam em um borrão, imaginando que histórias existem entre eles. Pelo menos eu sempre o fiz.

A travessa estreita que leva para a casa da tia Izzy é uma de que me recordo com total clareza. Lembro a forma de uma árvore estranha que arqueia por sobre a estrada, seu tronco coberto de hera horripilante. Sempre pareceu uma forma curva de Y, com um tronco rachado e dois longos galhos se estendendo como dedos.

Uma vez, Lila subiu aquela árvore e pendurou-se dela como um macaco, suas pernas suspensas sobre a estrada. Eu gritei e gritei com ela, apavorada que um caminhão fosse vir descontrolado da curva e matá-la instantaneamente. Lembro como a imagem do corpo dela destruído surgiu em minha mente e como meu sangue gelou. Mas, então, Lila puxou-se para cima e desceu da árvore, rindo o caminho todo. Eu juntei-me à risada, mas não era genuína. Ela era a única que achava aquilo engraçado.

Balanço a cabeça agora, enquanto penso nisso. Ela não tinha o menor medo. Meu pai sempre diz que um pouco de medo nos faz bem, e eu acho que ele está certo.

É melhor que eu esteja com um pouco de medo agora? Não tenho certeza do que tenho medo, contudo, do passado ou do presente.

*

As duas estão me esperando enquanto estaciono. Lila está vestindo seus shorts favoritos, cortado perigosamente bem acima da coxa. Pelo que sei, ela nunca cortou o cabelo. Ela não precisa. Seu cabelo está solto e maravilhoso, quase até a cintura, tão mais brilhoso do que o cabelo rebelde que eu e minha mãe herdamos. Izzy sempre dizia que era do pai brasileiro, que tinha ido para Scarborough como uma criança prodígio jogador de futebol e foi embora na temporada seguinte. Mas outras vezes ela dizia que o pai da Lila tinha sido o filho de um imigrante russo que havia sido assassinado pela máfia russa. De qualquer forma, a Lila tinha conseguido escapar da nossa bagunça escura de cabelo e tinha uma cortina castanha de encanto no lugar.

Uma coisa que compartilhamos são nossos olhos escuros. Nós duas temos olhos cinza-amarronzado com sinais de castanha.

A Izzy é como a minha mãe, mas com traços mais suaves. Seu cabelo é longo e rebelde também, mas não tão grosso quanto o meu ou da minha mãe. Ela sempre usa jeans apertados e camisetas largas, e aos trinta e quatro anos está tão bonita quanto era aos dezesseis. Já vi as fotografias. Seu sorriso surge facilmente, e ela nunca está parada, mas move-se em movimentos vagarosos com os braços: um esvoaçar do pulso para remover uma mecha de cabelo, um giro da mão para pegar uma migalha na camiseta, um acariciar das pontas dos dedos para cumprimentar.

Lila acena, mas não apenas com a mão, com o braço inteiro, como uma pessoa perdida no mar. Seus olhos estão claros no sol do entardecer. Izzy apoia-se em um lado do quadril, um sorriso torto no rosto.

“Mary!” Lila grita enquanto saio do carro. Sorrio para ela.

“Como vai, belezura?” Não me pergunte por quê, mas é assim que a tia Izzy tem me cumprimentado desde que eu tenho sete anos. Nós nos encontramos na metade do caminho e ela corre um dedo pelas minhas cicatrizes no pescoço. “Sinto muito, Mary.”

Afasto-me. “Não é nada.”

“O que aconteceu com você?” Lila pergunta. Ela está ao lado da Izzy com os braços cruzados e o cenho franzido.

“É do fogo. Mas pelo menos eu me salvei. Nem todo mundo conseguiu”, digo.

“Aquele no hospital?” Izzy pergunta.

Concordo.

Ela balança a cabeça. “Su nunca deveria ter mandado você para aquele lugar.”

“Minha mãe achou que estava fazendo o que era certo—”

“Mandando você para uma ala psiquiátrica?” Ela solta uma risada vazia. “Eu deveria tê-la convencido do contrário. Eu nunca mandaria a Lila para um lugar como aquele.” Os olhos de Izzy se enchem de lágrimas e eu lhe deu um abraço estranho.

“Vou deixar vocês duas colocarem o assunto em dia”, Lila diz enquanto se afasta em direção ao chalé da Izzy.

“Não é culpa sua”, digo. Paro e acrescento, “Meu tempo no hospital não foi tão ruim, sabe? Conheci umas pessoas incríveis.”

Ela esfrega as lágrimas e sorri. “Você parece diferente. Está mais crescida.”

“Tomei algumas decisões ultimamente”, digo. “Sinto-me melhor por elas.”

“Isso é bom, criança. Venha, entre. Vou abrir algumas cervejas.”

“Legal, vou pegar minhas coisas”, respondo.

Izzy é um daqueles adultos “legais” que deixa você beber álcool antes da idade legal. Tive minha primeira cerveja na casa da Izzy quando tinha dezesseis. Tomei minha primeira vodca com Coca aqui também. Minha mãe me deixa beber agora que tenho quase dezoito, mas não devo por causa da medicação que preciso tomar.

Antipsicóticos.

Eu não os tomo, então tudo bem.

Na porta sou recebida pelo balançar mais do que entusiasmado de um rabo ligado ao pior cão de guarda no mundo — Bentley. O Golden Retriever da Izzy. Eu me abaixo e coço as orelhas dele.

“Aww, Bentley sentiu sua falta”, Izzy diz. “Faz muito tempo, Mares. Senti sua falta também.”

“E não se esqueça de mim!” Lila corre para a cozinha e vai acariciar o cachorro, mas Bentley se afasta, seu pelo eriçado e os dentes à mostra.

“É tão estanho, ele fica fazendo isso recentemente”, Izzy diz. Quando ela estende o braço para pegar a coleira dele, ele corre da cozinha. “Simplesmente não entendo.”

Lila cheira a axila. “Talvez eu esteja usando um novo perfume ou algo assim. Cachorro maluco.” Ela despreza o comportamento estranho do cão e sobe em um banco no balcão de café da manhã.

Izzy cantarola enquanto abre a geladeira e retira uma garrafa de cerveja para mim. “Então, quais as novidades, gatinha? Conte-me tudo, garotos, bebidas, mau comportamento, a prisão. Quero viver indiretamente através de você enquanto me aproximo da meia idade uma solteirona.”

Puxo um banco ao lado de Lila, que puxou os joelhos para cima e descansa a bochecha contra ele, sentando precariamente perto da borda.

“Teve um garoto”, admito. “Eu o conheci nas férias.”

“E?” Izzy pergunta.

“É complicado.”

“Sempre é”, Lila diz, com um sorriso travesso.

Izzy joga um pano de prato em minha direção. “Isso é tudo o que eu recebo? Você não tem visto sua tia Izzy há meses e, então, você pula os detalhes suculentos?”

Pego a toalha e dou risada. “Não é mesmo tão suculento. Ele tinha problemas e só durou uma semana.”

“Você transou com ele?” Lila pergunta.

“Eu não transei com ele”, digo.

Nós três caímos na gargalhada e eu jogo a toalha de volta para Izzy. “Ah, Mary, você é muito ajuizada. Você precisa jogar a cautela ao vento em algum momento. Ficar com a mão para fora da janela do carro e pegar um ar. Sentir o mundo acelerando ao seu redor.” Ela aponta para mim. “Mas sempre use camisinha.”

Minhas bochechas queimam de vergonha. “Para!”

“Se você acha isso ruim, deveria tentar viver com ela”, Lila diz.

Izzy suspira. “Sou um pouco demais às vezes, não sou? Desculpa, Mary. Acho que me sinto um pouco...” Ela engasga, então se controla.

“Como se precisasse de um homem”, Lila murmura sob a respiração.

“Você já considerou namoro online, tia Izzy?” pergunto.

Izzy quase engasga com a cerveja. “Eu? Namoro online? Querida, você já *viu* o tipo de homem que mora aqui perto? E os que estão na Internet são a ralé. Não, obrigada.”

“Então, vamos nos mudar”, Lila diz, sua cabeça levantando do joelho. “Vamos para uma cidade grande!”

“O que a está impedindo de se mudar?” pergunto.

Izzy pega a cerveja e dá a volta no balcão do café da manhã na cozinha. “Nada exatamente, eu só...” Ela vagueia até a janela e eu vou atrás dela. “Será que vou conseguir ver o mar quando me mudar?”

Sigo seu olhar para fora da janela. Uma brisa forte brinca com a grama. Onde a grama termina, o mar distante começa. É cinza no crepúsculo emergindo devagar. É engraçado, mas sempre que vejo o mar, eu o *ouço* também. Não faz sentido porque estamos longe demais para ouvir qualquer onda, e não há nenhuma janela aberta no chalé, ainda assim consigo ouvir o agitar gentil e o chamado das gaivotas. Minha mente tem um perfeito circuito de barulhos perto do mar, e quando penso no mar, esses sons surgem em minha mente e eu me sinto em paz instantaneamente.

“É lindo”, digo.

“Não tão lindo quanto Manchester às 2h da madrugada em uma noite de sábado”, Lila grita do outro lado do aposento.

Viro-me e ofereço um sorriso para ela. Mas, então, uma sensação do fundo do estômago me faz virar novamente para a janela. É uma daquelas sensações graduais que se constroem como se algo estivesse muito errado. Viro-me de volta para a janela e ofego. Meus dedos ficam frouxos, fazendo a garrafa de cerveja colidir contra os ladrilhos da cozinha. Vidro quebrado salta em cima dos meus pés.

“Não se mova”, Izzy ordena. “Vou pegar uma pá e uma vassoura.”

De repente, ouço o sussurro de Lila em meu ouvido. “Você viu algo, não foi? Não estamos sozinhas aqui, não é?”

“Não”, respondo. “Acho que não.”

Viro e encaro Lila, e nenhuma de nós respira por um instante. Ela está tão perto de mim que consigo ver as sardas em seu nariz. Somos quase exatamente da mesma altura. Temos sido desde crianças.

“O que você viu?” ela pergunta.

“Vi uma delas”, digo. “Vi uma *Coisa*.”

Suor se forma em minha testa enquanto continuo encarando para fora da janela, meus olhos vidrados no lugar em que a vi. As Coisas que se revelam para mim não são fantasmas ou zumbis ou almas penadas, são avisos.

Essa apareceu como uma mulher, com um vestido esfarrapado ondulando ao vento. Seus olhos eram fundos, e o rebelde cabelo cacheado caía como cascata ao seu redor. Ela pode ter sido bonita um dia, mas agora sua pele está pendurada nos ossos como plástico derretido. Aperto os olhos fechados, querendo esquecer, mas encontro ainda mais imagens que eu gostaria de descartar da memória.

Elas nunca me apavoraram antes. Às vezes são um conforto. Mas há algo sobre ver uma delas aqui... Que toca naquela cicatriz de uma memória, algo que vi quando criança...

"O que significa?" Lila pergunta.

"Não sei", sussurro.

"Ok, trouxe uma pá e uma vassoura", a voz de Izzy soa do corredor. "Vou limpar tudo aí em um piscar de olhos." Ela anda a passos largos até a cozinha. "Não mova um músculo." Ela ajoelha e começa a limpar a bagunça. Lila recua e vagueia pela cozinha, balançando os braços como se ouvisse a própria música.

"Algo a assustou?" Izzy pergunta. Sua voz está pesada com o esforço de se agachar.

"Acho que foi um pássaro ou algo", respondo.

"Este lugar faz isso com você às vezes", ela diz. "Costumo ver coisas estranhas tarde da noite no meu quarto."

Dou meia-volta. "Que tipo de coisas?"

"Uau, Mary, cuidado." Ela levanta. A pá está cheia de vidro, e há um cheiro de malte da cerveja no ar. "Você quase pisou no vidro."

Mas não a estou ouvindo mais. Sigo-a enquanto ela vira o vidro no lixo. A memória distante agarra meu crânio, desesperada para ser liberada.

"O que você vê no seu quarto?"

Ela dá de ombros. "Sombras, acho. É só a minha mente pregando peças. Acho que vi alguém de pé no canto do quarto."

Meu sangue gela. Minha boca está seca. "Você viu mais alguma coisa do tipo?" insisto.

"Sim, na verdade. Quando eu estava sentada na varanda, Bentley começou a latir e rosnar de novo como você viu antes. Seu pelo estava eriçado, e foi estranho porque só tinha eu e ele lá fora. Acho que era meio tarde. Eu estava tomando uma taça de vinho, relaxando após um longo turno no hospital. De qualquer forma, como eu disse, o Bentley parecia realmente irritado com algo. Então, a porta começou a bater, como se alguém do outro lado estivesse tentando abri-la, o que é idiota porque qual a razão de alguém estar dentro de casa e tentar sair? Então, alguns instantes depois, pensei ver uma sombra correndo pelos campos." Ela gesticulou para a janela. Quando estamos mais perto, ela aponta para o campo entre o jardim dos fundos e o penhasco. "Bem ali. Cheguei a acreditar por um segundo. Pensei que fosse alguém vindo até a casa. Foi apenas meus olhos pregando peças comigo. É incrível o que um longo turno faz com a sua cabeça."

*Uma sombra.*

Meu coração martela contra o peito.

*

Pelo resto da noite, ajudo Izzy a fazer brownies enquanto Lila senta e nos observa do banco no balcão da cozinha. Isso lembra-me de muitas outras visitas ao chalé. Izzy e eu iríamos cozinhar ou lavar a louça, enquanto uma Lila descalça ouvia seu iPod e dançava pelo aposento. Algumas vezes minha mãe desaprovava a preguiça de Lila e, naquelas vezes, Izzy lembrava a minha mãe de como Lila cuidava de si mesma nas noites em que Izzy trabalhava. Aquilo logo silenciou minha mãe.

O entardecer some e logo as estrelas estão brilhando. A previsão do tempo estava certa, é uma noite clara. Mas ao fazermos o caminho para os campos pelo penhasco, sentimos o frio cortante do ar marítimo, e Izzy corre de volta para buscar cobertores extras. Quando ela se foi, corro para o meu carro e rapidamente abro o porta-malas. Tenho uma pequena mala de viagem lá, que está vazia exceto por um item.

Uma faca.

Não ouço Lila se aproximar por trás. “O que é isso?”

O som da voz dela me faz dar um sobressalto, e acabo meio que agitando a faca para ela.

Lila não está assustada. “É chique. Gosto dos entalhes.”

“É meu Athame”, digo. “É para mandar fantasmas para o outro lado.”

“Aah”, ela diz, chegando mais perto. “Isso é tão legal. Então, você acha que há um fantasma aqui?”

“Sim”, digo. Engulo, pensando na sombra.

“Você acha que será perigoso?” ela pergunta.

“Eu... eu ainda não sei”, respondo.

Quando ouço a porta do chalé se abrir, enfio a faca embainhada em meu cinto e puxo o agasalho por cima para esconder a forma. Então, corro de volta para os campos.

“Eu ia trazer o Bentley também, mas ele não quer vir.” Izzy joga uma caixa de isopor no chão, com os cobertores em cima. Abro as espreguiçadeiras e Izzy começa a trabalhar em uma pequena fogueira de madeira.

Quando estamos acomodadas em nossas cadeiras, Izzy me passa uma cerveja aberta.

A posse do campo ao lado do jardim da Izzy é uma de grande especulação. Ela nos disse que há muito tempo um viajante irlandês comprou o campo como um investimento. Mas quando quis vendê-lo, as pessoas que moravam por perto se recusaram a comprar a propriedade porque todos acreditavam que ele era um ladrão que havia roubado a terra, e um ladrão de cavalos para começar. Aparentemente, meu avô foi a única pessoa que defendeu o homem, e em recompensa, ele deu o campo para o meu avô.

Lila disse que a minha mãe passava tanto tempo naquele campo que havia ganhado os direitos de colonizadora, e que ela havia sido dona legalmente.

Suspeito que nenhuma das histórias seja verdadeira. Quem quer que seja dono do campo, nunca reclamou sobre as muitas fogueiras começadas à noite.

Houve noites de acampar e, então, quando ficamos mais velhas, houve *raves* também. Aos dezesseis, Lila convidou a escola inteira pelo Facebook, e Izzy chegou a casa às 6h da manhã para encontrar o campo coberto com adolescentes bêbados e copos vazios, enquanto eu corria desesperadamente pelo lugar arrastando uma sacola de lixo, tentando limpar.

Ela apenas suspirou e afastou-se.

Isso faz eu me perguntar se Izzy estava certa em ser aquele tipo de mãe. Acho que só pensei que ela desistiu de tentar domar Lila, que ela sabia que algum tipo de característica teimosa Quirke havia passado para a filha e era inútil tentar vencer isso. Talvez ela achasse que deixar Lila ser rebelde iria eventualmente acalmar aquele traço. Não sei. Talvez ela entendeu errado.

“Minha mãe queria que eu ficasse em casa para assistir ao cometa lá”, digo.

“Ah, sinto muito”, ela diz. “Eu causei um problema entre vocês duas?”

“Não, acho que não. Mas me sinto um pouco mal por deixá-la lá.”

“Su é uma teimosa.” Izzy levanta as sobrancelhas e bebe a cerveja.

“Não acha que já está na hora de vocês duas conversarem?” digo.

Izzy começa a descascar o rótulo da garrafa. “Você soa tão madura, Mary. Não posso acreditar como você cresceu como pessoa. Uma pessoa real, madura e crescida. Você pode ser a primeira garota Quirke a ter sucesso na fase adulta.” Ela solta uma risada vazia. “Não sei. Somos tão crianças, não somos? Há muita dor lá. Você não pode trazer aquela dor à tona sem uma boa razão. Não tenho certeza de que tenho uma boa razão ainda.”

Dou as costas para a Izzy, de volta ao mar. Meu coração quase para. Lá está ela. A mulher com a pele derretida. Dessa vez, seguro firme minha garrafa, mas meu estômago balança ao ver a deformação dela. Afasto o olhar e volto. Ela sumiu.

Sobre o que ela está me alertando?

Lila levanta e estica as pernas. Ela vagueia pelo penhasco, deixando as mãos correrem pela grama longa.

“Está tão escuro hoje à noite”, ela diz. “Mal tem lua. Não acha que é uma noite boa para olhar as estrelas? Eu acho. Mal posso esperar para ver o cometa.” Lila para imóvel e arfa. Ela agarra a garganta com as duas mãos.

Estou de pé em um instante.

“O que está acontecendo?” Izzy pergunta. Ela me segue enquanto faço o caminho até a Lila.

“Algo está aqui”, digo.

Lila corre até mim. “Não estamos sozinhas. Eu... eu sinto isso. Está na escuridão em algum lugar.” Seus olhos estão abertos e brilhantes. O luar acentua o brilho de sua pele de tal forma que está iridescente. Ela está tão brilhante quanto uma chama na escuridão.

“O que está aqui? Não entendo”, Izzy diz.

Minha mão descansa na leve saliência em meu cinto, onde sei que a faca está aninhada contra minha pele.

“Você disse que tem visto sombras”, respondo. “Bom, acho que elas podem ser mais do que isso.”

A boca de Izzy se arregala. “Do que você está falando? Não é sobre *fantasmas*, né? Porque isso... isso é...” Ela se afasta e encara a distância. Sua expressão é a de uma pessoa que compreendeu a resposta de um enigma, mas que tem medo do resultado daquilo. Ela cobre a boca com a mão. “Não.”

“Agora você sabe por que minha mãe me mandou para um hospital psiquiátrico”, digo, minha voz dando a impressão de amargura, algo que me surpreende.

Lila aproxima-se de mim, e um fraco atrito de eletricidade estática vem de sua proximidade. “Mary, sei que soa estranho, mas consigo sentir a presença de... algo. É... é mesmo um fantasma?”

Respiro fundo, puxando conforto do ar marítimo salgado. “Tudo o que sei é que consigo ver e ouvir fantasmas quando outras pessoas não conseguem. Às vezes, eu os sinto também. Tia Iz, desde que cheguei aqui, senti como se algo não estivesse certo.” Lanço um olhar na direção da Lila. “Definitivamente há uma presença aqui que deveria ter seguido em frente a essa altura.”

“É hostil?” Izzy pergunta, levando a mão à boca. Seus dedos tremem, e ela enfia as mãos debaixo das axilas.

“Eu...” começo.

A temperatura do ar noturno cai, e um arrepio corre pela minha espinha. Izzy abraça o corpo mais forte, e o vento chicoteia seu cabelo. Já estive aqui antes, neste instante. É o momento antes do bicho-papão aparecer do armário, o segundo silencioso antes do assassino em série mascarado encontrar a garota escondida no guarda-roupa. A essa altura eu deveria conseguir acalmar os indícios de desconforto que começam com o pelo subindo atrás dos braços e cresce até cada músculo estar apertado e meu estômago dando nós.

O portão para o campo bate contra a coluna da cerca e nós três damos a volta no calcanhar, esperando encontrar o monstro atrás de nós. Somos recebidas pela pancada solitária do portão contra a cerca. Lila solta uma risada nervosa.

Mas meus sentidos estão apurados, e estou consciente de alguma mudança atrás de mim. Estico o braço para pegar o Athame e viro devagar. Meu coração bate tão rápido que consigo senti-lo em meus dentes. Minha respiração está alta e irregular.

*O que é você?* Penso. *O que você quer?*

A sombra é escura, tão escura que não consigo distinguir nenhuma característica. Eu havia esperado vê-la bem atrás de mim, perto o suficiente para respirar em meu pescoço. Em vez disso, está a seis metros de distância do campo, e meu agitar do Athame é inútil.

A maioria dos fantasmas aparece para mim como uma pessoa. Alguns ainda têm as cicatrizes de quando morreram. Outros parecem conseguir mudar para uma versão diferente deles mesmos, uma que é mais aterrorizante da que realmente são. Não tenho as respostas do porquê, mas acho que pode ter a ver com quanta humanidade ainda resta neles.

Mas eu nunca vi um fantasma tão escuro e tão sem traços antes. Isso me faz questionar se realmente estou vendo os últimos resquícios de um humano ou se é outra coisa. Não acredito no mal, mas se acreditasse, poderia achar que era tão escuro e desprovido como este.

É como se toda a luz tivesse sido absorvida em um bloco de carvão.

"É isso! Essa é a sombra que eu vi", Izzy diz.

Lila está quieta, seus olhos arregalados, e ela está tão imóvel que me pergunto se está respirando.

"Fique aqui", digo para as duas ao dar um passo à frente na direção da sombra.

Eu pretendia que minha voz transmitisse algum tipo de confiança, para assegurar aqueles ao meu redor. Mas enquanto ando com pernas vacilantes, imagino se esse foi o caso.

"Meu nome é Mary Hades", digo. "Consigo ver os mortos e sei que você está aqui. Se você tem algum negócio inacabado com este mundo, posso ajudar. Talvez queira me contar sua história. Sei que a maioria dos fantasmas só querem ser ouvidos. Posso fazer isso por você, se quiser. Você pode me mostrar." A sombra permanece parada, imóvel e intacta pelo vento. Eu me aproximo como faria de um cavalo amedrontado. "Posso ajudá-la a seguir em frente. Você vai encontrar a paz."

*Não tem como você saber disso.*

Paro de me mover. Minha mão agarra o cabo do Athame. O som da voz da sombra é tão distorcido que sinto o sangue esvair do meu rosto. Aquela voz não é humana.

"Você está certa", digo. Estou tremendo por inteiro agora, e meus dentes rangem. "Não sei. Mas tem que ser melhor do que ficar presa aqui, certo? Tem que ser melhor do que isso."

*Não.*

"Você precisa ir embora", digo com firmeza. "Não é certo você ficar, não assim." Minhas mãos suam e meus joelhos tremem. A cicatriz de uma memória se solta e eu me vejo dizendo, "Eu conheço você. Quando eu era uma garotinha, você costumava ficar no canto do meu quarto. Sempre que eu ficava aqui, você estava lá. Por quê?"

*Gosto de observar.*

Dou um passo atrás, enojada até o estômago. Tenho de me forçar para focar em manter a faca em mãos. Não posso perdê-la agora. Devo me livrar desta criatura.

Quando a sombra se move, eu me assusto e meus músculos se contraem em resposta. Ela corre em minha direção, tão rápida e forçada que eu mal tenho a chance de me mexer. Sei que fantasmas podem me machucar. Alguns são poderosos o suficiente para estrangular, arremessar ou dar uma porrada. Quando a sombra vem mais para perto de mim, sinto o poder emitindo dela. É um poder antigo. Essa pessoa deve estar morta há muito tempo.

Levanto o Athame e entalho um símbolo no ar. A sombra é momentaneamente pega desprevenida e cambaleia para trás. Ela solta um silvo, como um gato encurralado.

"Não vou deixá-la machucar ninguém", digo. Com braços trêmulos, viro para a direita e faço outro símbolo no ar. A faca lança faíscas no céu noturno, iluminando os símbolos no círculo de proteção.

"O que você está fazendo?" Lila grita para mim.

"Estou prendendo o fantasma", respondo.

A sombra golpeia um braço em minha direção enquanto desenho o terceiro símbolo no ar. Marcas de garras aparecem em uma barreira invisível. Já vi fantasmas rasgarem a carne antes. Um arrepio atravessa meu corpo. *Aquilo podia ter sido eu.*

O quarto símbolo vai no lugar certo, completando o círculo de proteção que prende o espírito. Izzy corre para o meu lado.

"O que está acontecendo, Mary?" ela pergunta.

"Este fantasma estava no seu chalé", respondo. "Estou mandando-o embora com o meu Athame."

"Você pode fazer isso?" Lila pergunta. "Você pode forçar fantasmas a seguir em frente?"

"Como você faz isso?" Izzy pergunta.

"Tenho de apunhalar o fantasma no coração."

Lila arfa e cobre a boca. "É tão cruel."

"Eles não sentem", acrescento.

*Não me mande embora*, diz a sombra.

Izzy dá um passo atrás horrorizada com o som da voz.

"Não é seguro para você ficar aqui", digo. "Essa é a sua hora, agora."

Ao mergulhar a faca pela barreira e no coração da sombra, ela solta um longo silvo. Mas enquanto a sombra começa a desaparecer no outro mundo, um homem aparece. Aquele homem é alto, robusto e tem uma cicatriz cortando o rosto. Suas vestes são de outra época, há muito tempo. Simples e sem forma. A expressão em seu rosto me faz ir para trás, caindo na Izzy.

"Ele foi um homem mau", Izzy diz. "Vi isso nele quando partiu. Obrigada por mandá-lo embora da minha casa."

Esfrego o suor nervoso das mãos e retorno o Athame para o estojo. É então que me viro para Lila e meus olhos se enchem de lágrimas.

"Vamos voltar a olhar as estrelas agora?" Izzy pergunta.

Lila e eu não quebramos o contato visual. Estamos ambas nadando em nossas lágrimas não derramadas. Minha garganta está seca com soluços contidos.

"Izzy", digo, mantendo a voz muito comedida e calma. "Há mais uma coisa."

"Não." Lila corre até mim. "Não, por favor, não."

"Ela ainda está aqui, Izzy."

"Não", Lila diz, sua voz quase um grito enquanto deixa as lágrimas virem. "Por favor, não, não quero ir."

Izzy cambaleia para trás.

"Lila", falo. "Você não pode ficar aqui. Não assim. Não sem um propósito. Pelo que você está ficando?"

Quando Izzy fala, mal é mais alto que um sussurro, e vacila com pesar. "Qu-que tipo de brincadeira é essa? Minha filha está morta."

"Mãe, não!"

"Izzy, o fantasma da Lila ainda está aqui. Preciso ajudá-la a seguir em frente."

Minha tia, minha frágil e ferida tia, aperta meu braço com tanta força que suas pontas dos dedos cavam minha pele. Ela se curva por cima de mim e chora em meus ombros, quase completamente desmoronando contra as minhas costas.

"Não, não, não posso dizer adeus de novo."

"Mãe." Lila estende o braço para ela, mas seus dedos desaparecem no braço de Izzy. Izzy pula para trás, sentindo o choque elétrico de um toque fantasmagórico. "Posso pelo menos assistir ao cometa com vocês? E você pode me contar a história de novo. Por favor, Mary."

Quero afastar o cabelo dos olhos da Lila e puxar minha prima — não, minha irmã — em um abraço reconfortante. Mas não posso fazer nenhuma dessas coisas.

"Claro que pode", digo, meu queixo trêmulo enquanto falo.

"O que ela disse?" Izzy pergunta.

"Ela quer ver o cometa, e ela quer ouvir a história uma última vez", digo a ela.

Izzy somente concorda, e eu suspeito que ela não consegue se controlar o suficiente para dizer algo mais. Nós três andamos de cabeça baixa de volta à fogueira queimando e as duas espreguiçadeiras colocadas debaixo das estrelas. Puxo o cobertor e me enfio debaixo, desesperada pelo calor. Lila senta na grama aos pés da mãe. Ela descansa as bochechas no joelho e olha para a mãe enquanto Izzy começa a contar a história que ouvimos tantas vezes antes.

"Eu sabia sobre o cometa. Havia aparecido no noticiário. O professor de ciências na escola foi insistente para que saíssemos e observássemos, porque poderíamos nunca encontrar uma noite perfeita o suficiente para observar as estrelas de novo. Ele era meu professor favorito, e acho que se tivesse sido qualquer outra pessoa eu poderia não ter me importado. Então, embora eu estivesse grávida de nove meses, escapei do quarto e vim para fora para ir andando. Andei o tempo todo pelos campos, daquele lado, seguindo a linha do penhasco no escuro. Eu não tinha medo porque tenho caminhado por esses campos por tanto tempo que os conheço como a palma da minha mão. E, de alguma forma, eu sabia naquela época que quando você viesse não seria como os outros nascimentos. Seria mais. Seria especial."

Ela esfrega lágrimas dos olhos e continua. Nunca estive tão orgulhosa da minha tia Izzy como estou neste instante, corajosa o suficiente para controlar a voz ao máximo para contar a história para sua filha morta.

"Mas mesmo assim, não achei que você viria naquela noite. Eu havia sentido algumas dores, mas achei que fossem as contrações que todo mundo fala. Era uma semana antes da data prevista e eu tinha passado os últimos nove meses com todo mundo me tratando com ar de superioridade e como se eu fosse idiota. Eu não queria ir ao hospital para me mandarem de volta para casa revirando os olhos. Sei agora que eles nunca teriam feito isso. Mas naquela época parecia importante. Então, ignorei todos os sinais de aviso e fui para a minha caminhada pelos campos e estrelas, esperando pelo cometa.

"Quando cheguei ao topo da colina, bem ali na distância" — Izzy aponta para um monte distante — "minha bolsa estourou, e eu soube que estava em apuros. Todos haviam me dito que você tem

horas antes de o bebê nascer, mesmo depois que a bolsa estoura, então me apressei de volta para casa, esperando conseguir chegar a tempo para o pai me levar ao hospital. Mas enquanto eu me apressava, aquelas dores ficavam cada vez piores até eu não conseguir mais andar.” Ela ri. “Ah, Lila, você foi tão impaciente no nascimento quanto foi em vida. Você queria tanto sair para este mundo.” Izzy engasga e Lila pressiona o rosto nos joelhos. Esfrego as lágrimas da bochecha. “Eu caí de joelhos e fiz força empurrando, empurrando e empurrando, e então você estava chorando, e eu estava puxando você de mim, e lá estava você, essa coisinha contorcida, esse bebezinho enrugado, pegajoso e corpulento. E quando levantei você em meus braços, você abriu os olhos e eu encarei o céu. E, naquele momento, o cometa correu pela escuridão, com sua cauda brilhando atrás. Foi a primeira coisa que você viu.”

A mão trêmula de Izzy agarra a boca quando a história termina.

“Então, será a última coisa que vejo também”, Lila diz. Ela vira para o céu, mas antes para e olha para a mãe. “Sinto muito por tudo. Sinto muito por ter feito você passar por isso. Sinto muito pelas festas e os garotos, e por não lhe dizer onde eu estava. Sinto muito pelas coisas que fiz você passar. Mas mais do que isso, sinto muito por ter tomado aquele comprimido. Eu queria tanto viver que me destruí e morri. Mary, diga a ela. Diga a ela que sinto muito.”

Digo a Izzy, que apenas concorda, ainda se segurando com os dedos trêmulos, seus olhos vermelhos cheios d’água.

Todas nós olhamos para o céu ao mesmo tempo e lá está, o cometa, quase pendurando-se no céu como uma enorme estrela. Ficamos paralisadas, consumidas pela visão dessa coisa, esse ser celestial.

“É lindo”, Lila diz.

Por um breve instante, a luz do cometa ilumina todos os nossos rostos. Vejo os olhos de Lila, cheios de admiração. Eu sabia que ela ainda estaria aqui, mas não sei por quê. Talvez eu tenha sentido isso. Talvez foi uma coincidência. De qualquer forma, estou feliz de ter tido esses últimos momentos com ela, e feliz que a Izzy também os teve. Ofegamos quando o cometa brilha apenas por um instante, revelando a cauda longa se esticando, e então uma nuvem se desloca, obstruindo-o da visão.

“Queria que tivesse ficado mais tempo”, Lila diz.

Nós olhamos para o céu, mas as nuvens estão pesadas e imóveis.

Lila levanta-se e vira para mim. “Está na hora.”

Izzy percebe a mudança em meu comportamento. “O que foi? O que ela está dizendo?”

“Ela diz que chegou a hora de ela partir”, repasso.

“Você vai apunhalá-la no coração?” Izzy pergunta.

“Sim”, respondo. “Mas ela não vai sentir nada.”

Izzy solta um gemido antes de se compor. “Amo você, querida.”

Enquanto trabalho ao redor da minha prima, desenhando os mesmos símbolos do círculo de proteção, Lila começa a se iluminar ainda mais. Izzy arfa quando a filha surge em sua visão.

“Você está tão linda”, Izzy diz. “Estou tão feliz por conseguir vê-la uma última vez.”

Eu posiciono a faca, mas hesito ao olhar nos olhos de minha prima. Vejo a garota com quem cresci, a garota que me trouxe seu último ursinho de goma. Não é assim que deveria ser. Eu deveria estar no nascimento dos filhos dela, e visitá-la quando estivesse mais velha e grisalha, não olhando os olhos jovens de uma adolescente que cometeu um erro que tirou a vida dela. Isso não é justo.

“Faça, Mary”, ela diz. “Tudo bem. Você estava certa. Não quero acabar uma sombra como aquele homem. Quero ir agora, enquanto ainda tenho a capacidade de escolher.”

Abro a boca para dizer adeus, mas parece uma palavra tão insignificante para se usar. Não sei como verbalizar tudo em minha mente.

"Está tudo bem", ela fala. "Você consegue. Você pode fazer tudo o que quiser e mais. Eu sempre soube que você quem era especial."

Não há maldade, nenhum amargor em sua voz, somente esperança.

Mergulho a faca em seu peito. Ela deixa-nos em um floreio brilhante de cabelos e dentes, seus olhos fechados, o rosto em êxtase.

As lágrimas vêm rápidas e pesadas enquanto ela nos abandona na escuridão. É como se estivéssemos vazias sem a presença dela. O céu noturno está desprovido de sua luz.

Izzy estende o braço para as minhas bochechas molhadas, suas mãos trêmulas e frenéticas. Seus dedos se prendem ao redor da minha nuca e ela me puxa para nossas testas se tocarem e nossas lágrimas quase se misturam.

"Sabemos — você e eu — que há algo... que algo acontece depois que nós... Vimos a Lila, sabemos que existem, pelo menos, fantasmas. Sabemos isso. Mas por este mundo, *este* mundo, vale a pena lutar. Nunca se esqueça disso. Há tanta beleza aqui. Nunca deixe a escuridão levá-la do amor, da natureza e das pessoas. Nunca deixe que ela a faça desistir."

"Eu sei... Eu sei, tia Iz."

Ela aperta meu pescoço mais forte até que quase machuca. "Não, não sabe. Esse chamado que você está respondendo é uma responsabilidade pesada para uma garotinha. Eu me preocupo com você, tão presa à morte, não é saudável."

"Estou bem. Sério, não penso nisso dessa forma."

"Apenas nunca desista. Quero acreditar que a minha filha está em paz. Se ao menos eu tivesse a certeza de que ela está no paraíso agora. Para mim, o paraíso sempre foi na terra. Sempre esteve no pôr do sol e nas maravilhas do mundo. Não quero que você perca nada disso."

"Não irei."

"Promete?"

"Prometo."

Izzy solta minha nuca e volta para trás apoiando-se nos dois pés. Ela esfrega as lágrimas dos olhos e pega uma garrafa de cerveja da mesa de piquenique.

Lila viveu sua vida como a cauda de um cometa, queimando rápido e brilhante, e desaparecendo de vista em um instante. Não somos todos cometas, mas quando vemos um, isso nos lembra de quão passageira e deslumbrante a vida pode ser. A Lila sempre foi meu cometa. Sempre que estávamos juntas, eu me sentia como se um pouco de sua vibração passasse para mim, iluminando-me com seu refletor.

Agora sei a verdade. Todos nós temos um refletor — só precisamos saber como encontrá-lo.

# Irmã

Carta para Susan Hades, de Isabel Quirke. Maio de 1997.

Irmã,

Lembra quando nos mudamos pela primeira vez para o mar? Você disse que estava frio demais, mas eu achei que as ondas batendo e a areia granulosa eram tão exóticas e maravilhosas. Tudo tinha cheiro de sal. Em um momento raro de energia, a mãe perseguiu-nos pelas ondas se agitando, rindo quando a maré respingou sobre seus pés descalços. Lembro como você insistia que odiava aqui porque sentia saudades dos amigos da cidade, mesmo assim nunca a vi sorrir mais do que no nosso primeiro dia na praia quando o pai nos ensinou a empinar aquela pipa. Você riu tanto quando a pipa voou das minhas mãos e subiu a praia. Eu tropecei e caí ao perseguir a pipa, e você agarrou a barriga se curvando em um ataque de risos.

Eu tinha quatro anos. Você tinha onze.

Você e eu nunca nos demos muito bem, não é? Às vezes acho que tudo se originou naquela semana horrível, mas de alguma forma acho que foi mais fundo. Foi antes de eu nascer? Foi quando você me viu no hospital toda enrugada e vermelha? Quando você decidiu que me odiava?

Nunca quis que nada disso acontecesse. Você tem que acreditar em mim.

A mãe tinha um permanente ruim no cabelo, dos anos oitenta. Às vezes olho a fotografia para recordar que ela já foi jovem, que eu já fui criança uma vez. Ainda sou uma criança, suponho. Mas não muitas crianças carregam o fardo que eu carrego. Tenho medo de que se eu não crescer rápido o suficiente irei arruinar tudo, como sempre fiz.

Não me pergunte por que estou escrevendo esta carta. Nunca irei entregá-la a você. Nunca. Tenho certeza de que irei acabar queimando-a, ou quando eu morrer, quem pegar minhas coisas irá encontrá-la escondida no meio de uma pilha de velhos jornais ou algo do tipo. Ah, você pode ter certeza de que estarei doida quando envelhecer. Sou uma daquelas pessoas. Irei matar todos os meus neurônios com vodca e cigarros. Talvez não vou nem alcançar o envelhecimento. Você provavelmente vai sobreviver a mim. Na realidade, tenho certeza disso.

Talvez você vá ler isto um dia, quando estiver sentada empertigada e fina em sua casa ensolarada, com seu cabelo arrumado de modo perfeito e seus netos bem-comportados aos pés. Você terá netos, irmã. Sei que terá.

O que você vai achar desta carta? Ficará nostálgica? Irá rasgá-la em pedacinhos? Ou talvez você irá derramar uma lágrima e erguer uma taça de *Chardonnay* em tributo à irmã que poderia ter sido sua melhor amiga se não tivesse fodido tudo com Ricky Fuller. Sinto muito pelo linguajar, mas sempre que penso no rosto estúpido dele, meu sangue ferve. Ele revela o pior em mim. Eu deveria ter sido mais esperta, acho.

Você estava saindo com o Ricky durante o... evento. Ele veio buscá-la naquela noite. Foi bom que o pai estava fora em uma de suas viagens a negócios, porque ele não teria aprovado aqueles jeans rasgados ou a jaqueta de couro. Mas achei que ele era atraente; e você, a garota mais sortuda do mundo. Eu tinha ciúmes de você, Su. Sei que nunca irá acreditar em mim quando digo isso, mas eu tinha. Quero dizer, sei que eu tinha nove anos, mas eu já havia sido doutrinada pelo culto da Disney, e ele era como o príncipe *e* o vilão. Uma combinação letal.

Vê, mesmo agora. Embora eu o odeie, não consigo parar de falar sobre ele.

Vou falar sobre você em vez disso. Você estava linda naquela noite. Você deixou-me brincar no seu quarto enquanto se maquiava para o encontro. Estava tão empolgada que se esqueceu de ser má

comigo. Você me mostrou seus vestidos e me pediu para ajudá-la a escolher o esmalte. Nós duas concordamos no preto, e então decidimos que você deveria usar muito brim e delineador.

"Você vai beijar ele?" perguntei.

Você segurou uma minissaia tartã e, então, jogou-a. "Não sei. Talvez. *Você* que não saia beijando garoto algum. Você é jovem demais."

"*Até* parece!" exclamei em horror.

Houve uma batida na porta e você enfiou os pés nos sapatos apertados de salto gatinho. "É ele!"

Quando a mãe atendeu à porta ouvi a voz monótona e áspera dele. Lancei-me para a sala de estar para dar uma olhada. A mãe tinha um sorriso grande no rosto e perturbava-o como se a Rainha tivesse parado para uma xícara de chá. Você apressou-se, batendo os pés e xingando sob a respiração.

"Está pronta?" Ricky perguntou, escovando a franja loira para afastá-la dos olhos.

"Claro", você respondeu com uma voz tão suave que poderia cortar manteiga.

Ah, Susan. Espertinha. Você partia tantos corações naquela época; alta, linda, cabelo preto com mechas rosas brilhantes. Você usava maquiagem e falava palavrão e dançava. Não é como agora. Nunca mais vi você sorrir.

Depois que vocês dois saíram da sala, a mãe passou o braço pelo meu ombro.

"Chocolate quente e um filme?" ela perguntou.

"Com *marshmallows*?"

Ela cutucou meu nariz com a ponta do dedo. "Fico feliz que *você* ainda não cresceu. Sua irmã é quase uma adulta agora." A mãe inclinou-se para mim antes de ir para a cozinha, então consegui ver bem as linhas ao redor dos olhos dela, e deu para baforar o cheiro de pó da maquiagem — você sabe qual, aquela boa, o pó facial da Estée Lauder que ela usa em ocasiões especiais. Juro que ela teve o mesmo pó compacto por dez anos.

"Ela vai beijar ele?" perguntei, seguindo a mãe para a cozinha.

"Talvez. Mas nada mais, espero."

"Você quer dizer tipo foder?" digo, sabendo perfeitamente que havia dito um palavrão.

A mãe me deu aquele olhar de olhos semicerrados que ela reservava para momentos em que éramos 'muito más'. E, naquele instante, lágrimas começaram a encher meus olhos porque eu sabia bem que não iria mais ganhar meus *marshmallows*. "Vá pro seu quarto", ela disse.

Por que eu falei aquilo? Quando cheguei ao quarto e bati a porta, isso era tudo o que conseguia pensar — por que diabos eu havia dito aquilo? Foi idiota, principalmente quando a mãe quase nunca fazia chocolate quente e sentava conosco. E, sim, tenho consciência de que soa como autopiedade, mas vamos encarar, nem a mãe nem o pai estavam muito por perto, não é? O pai trabalha o tempo todo. A mãe está em seu próprio mundinho. Imaculada no exterior com seus cardigãs de preços médios e pérolas falsas, mas no interior há algo faltando. Lembra quando ela ficou segurando o telefone por dez minutos depois que a amiga desligou? Ela encarou o espaço, sem falar, sem se mover. E lembra quando ela teve aquela enxaqueca que durou duas semanas? Ela deitou na cama e encarou o teto, o cabelo e os olhos uma bagunça, murmurando palavras em irlandês que não conseguíamos entender.

Com aquele show de desobediência eu me privei de uma noite agradável de assistir a filmes com a mãe. Que merdinha eu era. Acho que é aquele botão autodestrutivo que se esconde em alguma parte conveniente de mim. Quando algo bom está prestes a acontecer, eu posso pressioná-lo e gritar: *Abortar! Abortar!*

Acabei em meu quarto, encarando aquele relógio assustador do vô no canto. Fiquei feliz quando o pai decidiu vendê-lo. Sempre odiei o modo como ele fazia tique-taque em um ritmo impiedoso. *Tique-taque-tique-taque*. E nunca marcava a hora. Não importava quantas vezes eu desse corda, sempre acabava dez minutos mais devagar no próximo dia como se alguém tivesse mexido.

Mas sabe uma coisa? Uma coisa que não contei a ninguém... ainda vejo a sombra daquele relógio no meu quarto. Há vezes em que acordo de noite sem razão aparente. Parece que tive um pesadelo, mas nunca consigo relembrar os detalhes. Eu me sento endireitada de noite. Lá, no canto, onde o relógio idiota costumava ficar, está uma sombra. É como uma mancha de nada, um preto maçante, como carvão.

Isso me dá calafrios por todo o corpo.

E, naquela noite, enquanto você esteve fora com o Ricky, eu me deitei na cama e ouvi aquele tique-taque, e ele se igualou ao meu batimento cardíaco. Por alguma razão, meu coração não conseguia assentar. Batia tão forte e tão rápido que eu queria correr para a mãe, mas fiquei preocupada com ela ainda estar brava comigo; em vez disso, fiquei deitada pensando que se eu permanecesse imóvel, ele iria se acalmar. Não sei por quê. Talvez fosse algum problema cardíaco que se resolveu sozinho. Talvez em dez anos vou cair morta de um ataque cardíaco porque nunca contei a ninguém. Ou talvez meu corpo sentiu a mudança. Sentiu como as coisas nunca mais seriam a mesma. Qualquer que fosse a razão, significava que eu estava acordada até tarde. Naquela noite. Quando você estava naquele encontro.

Ricky era um ano mais velho que você, então ele podia dirigir. Muito depois de a mãe ter ido para a cama, ouvi o som fraco de pneus chegando à entrada e o zunir silencioso do motor. Então, ouvi o motor parar. Eu estava em um daqueles estados estranhos tipo dormindo, no qual você está em algum lugar entre estar acordada e dormindo. Quando ouvi os barulhos, abri os olhos, e o relógio do vô fez tique-taque.

Eu não tinha tirado a roupa para dormir. Em vez disso, havia deitado em cima das cobertas sem me mover. A mãe não foi me ver nem uma vez.

Abri a porta do quarto e prestei atenção no final do corredor aos sons suaves da mãe roncando. Você sabe que ela só ronca quando vai para a cama bêbada. E quando ela vai para a cama bêbada, não acorda por um terremoto.

Agora, irmã, ainda não sei bem o que me instigou a fazer o que fiz em seguida. Talvez fosse pura curiosidade. Eu tinha nove anos, idade suficiente para saber o que estava acontecendo, mas não o suficiente para compreender. Por alguma razão, eu queria saber o que você estava fazendo naquele carro com o Ricky. Eu tinha que saber.

Foi a primeira vez que eu saí pela janela. Acho que crescer em um bangalô tem suas vantagens. Você também poderia chamar de desvantagem, já que sair pela janela me colocou em todos os tipos de apuros desde aquela noite todos esses anos atrás. Você poderia dizer que a colocou também. Sei que você acha que provocou alguma cadeia de eventos bizarra. Nos momentos em que me odeio e odeio o que me tornei, compartilho dessa crença.

Com o coração ainda batendo rápido, saí do quarto pela janela — de meias — e caí no caminho ao redor da casa. Era uma noite nublada, fria para junho, mas não fria demais para minha camiseta de manga longa e jeans. O vento soprava do mar, e a grama entre nossa casa e o penhasco ajoelhava-se, ondulando como ondas. Os projetores luminosos do detector de movimentos de nossa casa saltaram por sobre os juncos da grama como o feixe de luz de um farol na água. Eu parei e encarei por um instante, minha respiração tomada pelo ar marítimo.

Então, apressei-me virando a esquina. Ricky havia estacionado não muito longe da porta da frente. Isso não me surpreendeu naquela época, mas agora o faz. Se você não queria ser pega, por que não disse a ele para estacionar no final da rua? Havia uma entrada longa para veículos sem ninguém por perto. Poderiam ter ido para lá. Mas não, estacionaram bem debaixo das luzes de casa. Por quê? O que você estava pensando, Su? Já havia algo errado com você na época?

E seus motivos não são os únicos a serem questionados. Você poderia perguntar por que parei e encarei por tanto tempo como fiz. Eu soube logo de cara o que estava acontecendo, e eu deveria ter dado a volta e corrido, mas não o fiz.

Nunca me esquecerei do que pareceu. Foi quase como se ele estivesse atacando você. Era sujo e vergonhoso. Sua camiseta estava jogada, seu sutiã aberto, revelando os peitos. Vi partes do corpo dele enquanto se contorcia e vibrava em cima de você. Então, vi o seu rosto. Vi seus olhos, Su. Não era você. Sempre achei isso.

Nossos olhares se encontraram. Seus olhos eram frios e escuros por causa das sombras. Eram como vazios. Covas escuras. Suas mãos arranharam o ombro dele e você puxou-o para si. O tempo todo, encarando-me.

Eu me senti enjoada.

Odiei você.

Eu tinha nove anos. Você deveria ter ficado envergonhada, e ainda assim encarou-me com aqueles olhos vazios sem nem parar. Tudo o que pude pensar foi como você estava fazendo aquilo de propósito para me fazer sentir mal.

Quando você inclinou a cabeça para trás, outra sombra caiu sobre seu rosto, e, no menor dos relances, pensei ter visto algo lá, desumano e estranho. Isso é algo que lembrei em um sonho bem depois. Talvez eu não vi nada. Talvez foi algo que acrescentei desde aquela noite, sabendo agora o que estava prestes a acontecer nos dias seguintes. O que quer que seja, faz-me rir que eu sou a vadia agora.

De alguma forma, consegui dormir naquela noite. Em certo momento, quis jogar meu toca-fitas no relógio estúpido do vô. Adormeci alguma hora, mas não até depois da visão de você no carro ter repetido várias e várias vezes em minha mente. Se aquilo era sexo, eu não queria nada disso. Por que chamariam de fazer amor? Parecia confuso e sujo e... maligno... porque era assim que você parecia. Você parecia maligna.

Sei que é errado dizer isso. Odeio as pessoas que dizem que mulheres não deveriam transar. Homens podem fazer o que quiserem, mas se uma mulher aproveita o sexo, é uma prostituta. Odeio esse código moral. Mas o que você não entende é: *você parecia maligna*. Seus olhos eram malignos.

E levei um tempo para abandonar aquela imagem.

Eu mal fazia ideia de que as coisas estavam prestes a piorar.

Na manhã seguinte, todas nós acordamos tarde. Era sábado, e o pai ainda estava fora em sua viagem, dando alguma palestra sobre algo inteligente em algum instituto. Era Estocolmo dessa vez? Ou talvez Berlim? De qualquer forma, levantamos bem depois das dez, até a mãe, e nós todas cambaleamos até a cozinha para um café da manhã silencioso. Não olhei para você. Você percebeu? Eu não queria. Você cantarolava de lábios fechados enquanto se servia de chá, e a mãe teve que mandar você calar a boca porque a cabeça dela estava pulsando. Peguei um copo de água para ela e dei-lhe um ibuprofeno.

Sentamos ao redor da mesa de café e eu comi meu cereal rápido. A mãe inclinou-se para a frente e gemeu. Quando olhei para você, vi como movia o quadril contra o banco e sorria para mim. Seus

olhos brilhavam com maldade e eu me afastei, horrorizada. No instante seguinte, foi como se eu tivesse imaginado isso. Você mordeu um pedaço da torrada e leu o jornal ao lado.

Nunca soube se foi minha mente me enganando ou se você decidiu me provocar naquele dia. Você o fez? Ou não era você mesmo? E se não era você, quem era?

Ah irmã, Su, Susan, Susie, tantas perguntas para você! Deve ser estranho para você agora que eu sou a estranha e você é normal. O que tem nas garotas Quirke? O que nos obriga a corresponder às expectativas de nosso nome? Deve haver alguma mutação genética teimosa transformando cada geração em aberrações. Você sempre me contou aquela história sobre a vovó para me assustar. Você sabe, sobre ela estrangular o vovô enquanto ele dormia. Acreditei nela por anos. Você se lembra de como me contou que o vovô ainda andava pelos corredores de chinelo, batendo todas as portas na casa?

Você não era nenhum anjo.

Pensei que era por isso que a mãe nunca nos deixava dormir lá. Nós sempre tivemos que reservar um quarto naquele estranho e velho albergue no condado de Kerry. Aquele que servia morcela no café da manhã mesmo quando você dizia que não queria. O velho tinha um olho de vidro e falava irlandês com a esposa na nossa frente.

Quando você fodeu com o Ricky no carro, parte de mim pensou que era um dos nossos jogos de novo. Como as histórias e a tormenta. Pensei que era isso.

Foi um sábado sombrio e chuviscou a manhã inteira. A mãe voltou para a cama, de ressaca.

“Quer jogar Scrabble?” você perguntou.

O som da sua voz fez-me dar um salto. Você soava tão normal, como se nada tivesse acontecido. Eu fiquei lá de pé boquiaberta por um instante. “Hm, sim, acho que sim.”

Você bufou. “Embora você não seja muito uma oponente. Eu sempre venço.”

“Você sabe mais palavras do que eu!” falei.

“Bom, talvez você devesse ler mais.”

Balancei a cabeça e ajoelhei perto da estante de livros onde nossos jogos de tabuleiro ficavam guardados. Eu não me importava em ler naquela época. Preferia ouvir minhas fitas. Ainda o faria. Você sabe que não sou boa na escola.

“Aqui, vire as peças. Vou pegar papel e caneta”, eu disse, empurrando o jogo em suas mãos.

Quando levantei, ouvi tão claro quanto o dia, “Você gostou do show ontem à noite?”

E quando me virei para você, você olhou por cima da sua tarefa com sobrancelhas franzidas. “Que foi? Você está com uma expressão estranha no rosto.”

“N-nada”, respondi.

Pensando nisso agora, eu deveria ter ido atrás da mãe. Talvez se ela não tivesse estado de ressaca eu o teria feito.

“Encontrou papel e caneta?” você perguntou, olhando para mim como se tudo estivesse normal.

Nada mais aconteceu pelo resto daquele dia, mas sempre que você falava ou se movia de uma forma levemente diferente, eu sentia meus músculos ficarem tensos em antecipação. Comecei a me perguntar se eu tinha sonhado com a coisa toda. Questionei minha sanidade. Você parecia normal, do sorriso triunfante quando ganhou de mim aos sanduíches de carne que fez para mim para o almoço. Você não falou sobre o Ricky e eu não perguntei. Tudo estava como deveria estar.

Mais tarde naquela noite, quando deitei na cama e ouvi meu Walkman, convenci-me de que havia inventado tudo aquilo. Nunca tive um amigo imaginário quando criança. Pensei que isso poderia ser minha coisa ‘estranha’ da infância. Todos temos permissão para ter uma, né? Você comeu metade de

uma lata de comida para gato e vomitou tudo pelo chão da cozinha. A mãe ainda me conta isso de vez em quando.

Caí no sono ouvindo ao The Cure; guitarras melódicas levando-me à soneca. Quando a fita acabou com um clique, acordei de novo, com os fones ainda cobrindo minhas orelhas. Puxei-os e esfreguei as orelhas quentes. Quando meus olhos se ajustaram ao escuro, pensei ter visto uma sombra na forma de um bloco no final da minha cama.

Sentei-me. Eu senti meu corpo todo duro, e quis gritar, mas não conseguia nem me mover o suficiente para abrir a boca.

Lá estava você. Pelada.

Quando percebi que era você, o grito sumiu, mas quando vi que você estava pelada, um novo medo tomou-me. Somos irmãs. Seu corpo nu não era novidade. Mas era a estranheza de vê-la naquele instante, na época, após os últimos dias e tudo o que havia acontecido.

"Su", eu disse. "Você deveria voltar para a cama."

Você não disse nada, mas eu conseguia ver seus olhos abertos no escuro. Parecia ter tanto branco em seus olhos, com as írises mal presentes. Sua boca abriu, mas você nunca fez um barulho. Então, suas mãos começaram a subir em movimentos de espasmos como se você lutasse contra alguma força invisível. Você levantou-as na altura da clavícula e virou-as para dentro, para o seu corpo. Eu observei em horror enquanto você arrastava as unhas pela carne.

O grito escapou de mim então. Gritei pela mãe.

Você continuou arrastando as unhas pelo peito, saindo sangue. A princípio, fiquei congelada encarando você com a boca escancarada em choque. Fui forçada a recompor-me, colocar meu ser de nove anos de idade sob controle, correr para a frente e agarrar seus braços.

Você me jogou de lado como uma boneca de pano.

Caí contra a cabeceira da cama. Foi como se o ar tivesse sido esmurrado de meus pulmões.

"É isso o que você quer?" você falou.

"Não", choraminguei. "Pare."

A mãe correu para dentro do quarto. "O que diabos—" Ela parou e encarou você. Acho que ela viu o sangue primeiro, então sua nudez, depois suas ações. Você passou de uma criança machucada para mulher para demente em um segundo.

"Susan", ela disse com voz firme. "Pare com isso neste instante."

Ela recuou de você como se estivesse aproximando-se de um cachorro raivoso.

Você começou a ranger os dentes e balançar a cabeça de um lado para o outro. "Não."

Sua voz era como um latido.

A mãe respirou fundo, forçou-se para a frente e tomou-a pelos pulsos. A princípio, você lutou, mas ela continuou olhando para você, mantendo contato visual até que você parou de ranger os dentes. Seu corpo ficou frouxo. Então, você inclinou a cabeça para trás e sussurrou algo para o teto. Tentei inclinar-me para a frente e ouvir, mas foi como se seus lábios se moveram e nenhum som saiu.

Quando você abaixou a cabeça, olhou para a mãe e disse, "O que estou fazendo aqui?"

A essa altura seu cabelo estava suado, e sua pele brilhava na luz opaca vindo da porta aberta do meu quarto. A boca da mãe abriu e fechou enquanto ela procurava as palavras. Nenhuma de nós sabia o que fazer ou dizer. Você ficou lá, encarando a gente, confusa e cansada, com sangue nas mãos e no próprio corpo.

"Vamos levá-la de volta para a cama", a mãe disse. "Vou precisar limpar você primeiro. Passar uma pomada nesses cortes."

Eu observei, ajoelhada na cama, enquanto você saía trêmula do meu quarto. Enrolei a roupa de cama em meus punhos, irritada por alguma razão. Não irritada com você — embora talvez um pouquinho — apenas irritada com o que quer que estivesse acontecendo. Parecia errado e intrusivo. Como aquele evento assustador ousava tomar minha família quando as coisas estavam indo tão bem?

Depois de ouvir a mãe colocar você na cama e a porta do seu quarto fechar, saí de fininho do meu quarto para o corredor. Vi a mãe ir até o armário de bebidas mordendo a unha do polegar. Ela serviu-se de uma boa quantidade de vodca com as mãos trêmulas. A garrafa tiniu contra o vidro. Então, ela esvaziou antes de tossir. Ela colocou o copo na mesa e limpou a boca com as costas da mão. Ela enfiou a mão dentro do robe e puxou o colar com uma cruz nele. Nunca a havia visto usando um crucifixo antes. Ela esfregou a cruz com o polegar e o dedo indicador como se absorta em seus próprios pensamentos. Então, após levar alguns minutos para se recompor, ela soltou a cruz e esticou a mão ao telefone.

"Sou eu... Sim, eu sei que é tarde. Não, é importante. É a Susan. Ela está bem. Está ok, bom, não está doente, mas estou preocupada. Talvez você devesse voltar para casa. Não sei qual é o problema, mas ela se machucou... de propósito. Ela só está agindo estranho... eu... sim. Bom, não, ela não está com febre e não se machucou feio, é só que... ah, não sei. Ela devia estar sonâmbula. Talvez eu devesse vê-la de novo pela manhã e avisá-lo. Estou bem. Não, estou bem. Fique aí. Ficarei bem. Adeus."

Eu sabia que deveria ter sido o pai do outro lado da linha. Sabia que a mãe tinha se apavorado na metade da conversa, percebendo que seu próprio raciocínio soava bizarro. Ela estava certa — você teve alguns arranhões. Não era o suficiente para arrastar o pai da conferência dele. Quando engatinhei de volta para a cama, imaginei se você realmente havia estado sonâmbula, e perguntei-me se você voltaria para me estrangular.

A mãe nos fez um café da manhã inglês completo no dia seguinte. Você tinha círculos escuros ao redor dos olhos, e seu globo ocular estava cheio de vasos sanguíneos estourados. Mas você estava usando o pijama de ursinho, e eu não conseguia nem imaginar aquela garota assustadora ao pé da cama. Você era minha irmã de novo. Minha irmã de dezesseis-anos-às-vezes-malvada-mas-normalmente-legal.

"Bom dia, dorminhoca", a mãe falou em uma voz alegre incomum. "Sente-se e vou pegar um pouco de bacon para você."

"Não estou com tanta fome, mãe."

"Bom, sua irmã está comendo bacon, não está, Isabel?"

Concordei com entusiasmo, tentando cooperar com o ato 'normal' da mãe.

"Só um pouquinho então", você disse.

A mãe começou a empilhar o bacon no seu prato. As mãos dela trêmulas. Mal dava para notar, mas era uma daquelas manhãs em que você percebe cada detalhe porque tudo parece diferente, embora seja o mesmo. Os dedos dela deslizaram e ela entornou quase a panela inteira no seu prato.

Você esmurrou o punho na mesa de café, então virou a cabeça para a mãe. Os pratos chiaram com a força. Nunca vou esquecer a expressão que você lançou para nós. Mesmo metade coberta pelo cabelo, eu conseguia ver o rosnar, o lábio virado para cima e a faixa dos seus dentes.

"Eu só queria um pouco", você falou.

A mãe derrubou a frigideira no chão e afastou-se. Observei o queixo dela tremendo e os pés tropeçando um no outro enquanto ela se movia para longe de você. Sem fazer um ruído, abaixei-me e removi a frigideira. Você começou a comer com as mãos, rasgando o bacon com os dentes. A gordura pingava do seu queixo. Os ovos mexidos agitaram-se em meu estômago.

“Quem é você?” sussurrei.

Você não me respondeu, e como uma covarde eu parti correndo, seguindo a mãe para a sala de estar. Ela fechou a porta da cozinha e correu as mãos pelo cabelo. Era curto na época, cacheado e de uma cor castanho-médio que ela usava para esconder o grisalho. Observei as unhas vermelhas da mãe arrastarem-se pelo couro cabeludo e como ela puxou as pontas do cabelo.

Surpreendeu-me naquela manhã como a mãe deve ter levantado cedo para passar maquiagem e vestir um terno e saia elegante. Não era do feitio dela mesmo. Claro, a mãe sempre tinha a aparência imaculada na hora do almoço, depois de ter passado algumas horas vestindo o robe, fumando cigarros e assistindo à TV. Era como se ela pensasse que se fizesse o café da manhã perfeito e se tornasse a mãe perfeita, o que você fez na noite anterior fosse desaparecer.

Ela apressou-se para o armário de bebidas e serviu-se de uma pequena dose de uísque.

“Não é a minha filha lá dentro”, ela falou.

Encarei-a e ela encarou-me com o copo vazio na mão. Com a lateral da mão livre ela esfregou o olho, manchando o rímel pela bochecha.

“Ah, Jesus. Nunca pensei...” ela disse, um pouco de seu sotaque irlandês bem escondido vindo à tona. Ela levou uma mão ao peito, onde agora sei que o crucifixo se esconde. “Teve um garoto em nosso vilarejo uma vez. O diabo o tomou. Só um padre poderia salvá-lo.”

“O que está acontecendo?” perguntei. “Que garoto?”

Acho que não há necessidade de lhe dizer como a mãe é a pessoa religiosa em nossa casa. Você já sabe isso. Ela é a única que menciona Deus. Acho que foi a escola católica que ela frequentou. Ela pode nunca ir à igreja, mas eu sempre supus que ela ainda acredita. Eu não havia pensado bem sobre a religião. Mas quando ela disse a próxima palavra um arrepio correu pela minha espinha.

“Demônio”, ela sussurrou, seus olhos fora de foco.

Um arrepio atravessou meu corpo. Apesar do calafrio imediato que se convulsionou por mim, precisei de alguns instantes para as implicações entrarem na mente.

*Possessão.*

É possível que houvesse outra pessoa dentro de você, controlando você, transformando-a em algo que você não era. Imaginei uma sombra penetrando você, preenchendo-a, espalhando-se por você, vestindo suas mãos como uma luva, seus pés como sapatos, sua cabeça como um chapéu. A pele esticada por cima da sombra.

“Preciso ligar para um padre”, ela disse. “Mas eu não conheço nenhum. Não conheço nenhum padre.”

A mãe começou a andar de um lado para outro na sala mordendo a unha do polegar.

A porta da cozinha abriu-se.

Em um momento de silêncio absoluto, ninguém se moveu. A mãe estava com as costas para você e eu fiquei de pé com o lado esquerdo para a porta da cozinha. Meu batimento cardíaco acelerou. Virei-me para encarar você.

“Estamos sem leite”, você falou indiferentemente.

Você entrou na sala de estar e sentou-se no sofá, dobrando as pernas embaixo de si. Observei-a, seguindo cada passo que você deu. Quando esticou o braço para pegar o controle remoto, meus músculos enrijeceram-se em antecipação. Notei o estranho brilho amarelo em sua pele. Procurei sinais do demônio em você. Vi uma garota adolescente doente.

“Podemos comprar leite para você, se é o que quer, querida”, a mãe falou.

Você deu de ombros. “Tudo bem. Só estava avisando.” Sem olhar para nós, você passou pelos canais de desenho animado. “Izzy, *Thundercats* está passando. Quer assistir?” Você sorriu para mim

e deu tapinhas na almofada do sofá.

Concordei, boquiaberta. A mãe observou com as costas enrijecidas e eretas enquanto eu me movia na sua direção.

Acho que a pior coisa sobre aquela semana foi como você ainda poderia ser você. Se tivesse sido um monstro o tempo todo, acho que teríamos esquecido de você um pouco. Não de uma forma horrível, mas uma distância da realidade para nos manter sãs. Mas era o fato que a qualquer momento você se tornava a irmã que eu amava. E eu amei você. Ainda a amo, idiota, mesmo quando é uma completa vaca comigo. Sempre irei amá-la. Não é uma escolha minha.

Por isso as lágrimas começaram a cair quando sentei perto de você no sofá. Lágrimas macias e silenciosas. Escondi-as com o cabelo. Agarrei a almofada e segurei-a contra o corpo. A mãe ficou lá, o copo na mão; o rosto, uma máscara de pavor. Acho que ela estava pensando a mesma coisa que eu. Como você ainda poderia ser você? Estávamos malucas?

Os minutos passaram-se. Fiquei com os olhos grudados na tela da televisão, mesmo assim não acho que eu poderia dizer o que estava acontecendo no desenho. Em vez disso, prestei atenção à sala. Ao meu lado, sua respiração era calma e ritmada. Inspira e expira. Inspira e expira. A mãe colocou o copo vazio na mesa de canto sem fazer um ruído e, então, afundou-se na poltrona. Ela ficou encarando para frente com olhos desfocados e chocados. Cada vez que eu me mexia, o sofá ressoava, e eu parava, meu corpo rígido, esperando você reagir.

A mãe não moveu um músculo sequer. Nós duas assustamo-nos quando você agarrou a almofada e afofou-a. Meus nervos ficaram agitados quando você riu alto com Tom & Jerry. As imagens coloridas brilhavam na tela — uma bagunça hipnótica. Não tenho certeza de quanto tempo ficamos assim. Uma hora? Duas?

Depois dos desenhos, você foi para o quarto trocar de roupa. Assim que saiu, a mãe pegou a lista telefônica e começou a virar as páginas, xingando quando seus dedos perderam o controle nas páginas finas.

“Isabel, vá para o corredor e veja se sua irmã está vindo. Caso a veja, me avise.”

Hesitei.

“Vá!” ela insistiu.

Minhas pernas cambalearam quando me levantei. Foi só então que percebi como havia ficado sentada ereta naquele sofá, apavorada demais para irritar você de alguma forma. Apressei-me ao corredor e fiquei com metade do corpo ainda na sala de estar, pronta para correr para a mãe caso eu precisasse.

Na sala de estar, ouvi o som abafado de plástico contra plástico enquanto ela usava o telefone, seguido de um sussurro baixo. A porta do seu quarto permaneceu fechada. A mãe repôs o telefone com outro golpe, e dentro do seu quarto, uma porta de guarda-roupa foi batida. Isso arrancou meus nervos, pulei ao som repentino, agarrei o batente da porta com uma mão. Outra porta abriu-se e bateu em seu quarto e eu escapei para a sala de estar.

“O que está havendo?” a mãe perguntou.

“Ela está batendo as portas do guarda-roupa”, respondi.

A mãe serviu-se de outra bebida e engoliu em um grande gole. Seu cabelo caiu por cima dos olhos quando jogou a cabeça para trás, e ela nem se importou em mover-se. “Não vamos entrar em pânico. Pode ser um de seus humores regulares de adolescente. Pode não ser... o que quer que esteja dentro dela.”

A porta do seu quarto abriu-se, e eu ouvi seus passos lentos se arrastando para a sala de estar. Após nove anos crescendo com você eu conhecia todos os jeitos que você se movia pela casa.

Aquele não era o jeito que você andava. Era diferente, e por alguma razão aquilo me assustava mais do que suas explosões. Eu queria virar e fugir.

"Você ligou para o pai?" perguntei para a mãe em um sussurro apressado.

Ela balançou a cabeça quando você apareceu. "Ele não pode estar aqui para o que vou fazer com a minha filha."

Você entrou na sala com a cabeça erguida e o cabelo despenteado. Havia uma camada de branco por cima dos lábios como se tivesse dormido e babado por horas. Não sei como aquilo foi parar lá. Você deve ter ficado rangendo os dentes. Você tinha mudado de roupa, mas não estava completamente vestida. Você usava uma regata fina com alças sem sutiã e shorts brancos que eu não via você usar há anos. Você ficou de pé no centro da sala e começou a arrancar os curativos de seus cortes.

Seu corpo balançou ao som de alguma música silenciosa, e eu observei seus lábios se moverem no ritmo de uma canção não ouvida por ninguém além de você. Os curativos tingidos de vermelho flutuaram ao carpete.

"Susan, por que você não se senta? Vou fazer uma xícara de chá?" a mãe falou.

Minha garganta secou. Até eu conseguia ver que não era uma boa hora para conversar com você.

Sua dança parou, e você virou-se para nos encarar com olhos fechados. "Não quero a porra do seu chá."

Eu me encolhi para longe de você, meu corpo quase se dobrando em um esforço para me proteger de você.

"Por que não se serve de outra bebida, mamãe? Beba para afastar suas preocupações e seu casamento ruim. Você gostaria disso, não é?"

Seus olhos abriram-se e eu os vi injetados e turvos. Sua pele rachada ao redor dos olhos, seca e escamosa. Era como se você fosse um corpo diferente assim como uma alma diferente.

Vi os olhos da mãe movimentarem-se para o armário de bebidas e meu coração caiu. Qualquer influência sob a qual você estivesse, as palavras ainda eram corretas. Ela queria mesmo afogar as mágoas na bebida.

Você adquiriu uma voz alta e estridente e imitou nossa mãe. "Ah, Graham, isso! Ah, Graham!"

Os joelhos da mãe desmoronaram debaixo dela e ela levou a mão à boca em choque. Ela caiu ao chão, afundando contra a parede.

O nome do pai é Trevor.

Eu não fazia ideia, irmã. Há quanto tempo aquilo estava acontecendo? Como você descobriu? Nunca falamos sobre isso após aquela semana. Sempre supus que a mãe rompeu com ele e teve sucesso com o pai. Mas, então, sempre fui a otimista na família.

Uma batida na porta pôs fim a sua cruel imitação da vida sexual da mãe. Não vou repetir as outras coisas que você disse, apenas apontar como a mãe tornou-se uma casca sem vida daquele momento em diante. Fui abrir a porta. Quando retornei, a mãe tinha um copo cheio de vodca na mão. Você estava sentada no carpete, com as pernas abertas, encarando o teto, cantando uma canção sensual em um rugido animalesco.

A mãe encontrou um padre nas páginas amarelas. Dá pra acreditar? Ele era jovem, atraente, usando seu tradicional vestuário. Quando ele viu você, fez sinal da cruz e foi direto para o telefone. Você sibilou para ele e lambeu os lábios como se ele fosse um cordeiro e você o lobo. Eu recuperei um dos meus bichinhos de pelúcia da caixa de brinquedos enquanto ele estava no telefone. Eu não brincava com ursinhos há anos, mas precisei do conforto naquele momento. Precisava ser lembrada da inocência.

"Há quanto tempo sua filha está assim?" o padre perguntou após desligar o telefone.

A mãe fungou. “Ela vai e volta. Começou ontem à noite.”

Ponderei se mencionava o incidente no carro. Mudei de ideia.

“Normalmente leva mais tempo”, murmurou para si mesmo. Ele observou-a com olhos arregalados que mostravam sua idade jovem. Ele tinha uma grande bolsa preta aos pés, como aquelas bolsas antiquadas de médico que você vê em séries na TV. “Não sou o exorcista da área, mas fiz algumas... leituras. O exorcista mora em Leeds, mas me disseram que ele está a caminho. Claro, isso poderia ser um problema, pois há uma tempestade se aproximando e dizem que a Marine Drive está prestes a ficar bloqueada. O mar já subiu.” Ele engoliu e eu ouvi o gole na garganta dele. “Você fez certo em me ligar, mas vamos precisar de mais pessoas do que isso para um exorcismo, e não tenho certeza se a sua outra filha deveria ficar conosco. Meu nome é Joseph, a propósito.” Ele foi aproximar-se da mãe, mas você estava no caminho e ele mudou de ideia. “Ela demonstrou alguma tendência violenta?”

Os olhos vidrados da mãe encararam o nada.

Eu respondi. “Principalmente para si mesma.”

O padre direcionou o olhar para mim. “E você já sentiu uma atração pela escuridão?”

Balanço a cabeça. “Não acredito no diabo.”

Era verdade, não acreditava e ainda não o faço. Acredito em fantasmas, contudo. Acredito em energia remanescente. Às vezes acho que a energia é ruim e toma as pessoas.

“Qual o seu nome, garotinha?”

Você respondeu por mim. “Isabel, Isabel. Não é um nome lindo? Muito melhor do que Susan. Mas então você sempre foi a favorita.”

Apertei meu ursinho com mais força.

“Não ouça o diabo nela, Isabel. Sua irmã tem um impostor morando dentro dela e você não deve interagir, não importa o que diga. Ok, Isabel?” o padre disse.

“Tudo bem, não vou”, respondi. Mordi o lábio, tentando não mostrar que queria chorar, e torcendo para estar com um rosto corajoso.

“Imagino que essa seja Susan”, ele falou, virando-se para encarar você. “Temos muito trabalho a fazer para ajudar a Susan. Precisamos de um quarto onde ela ficará confortável e precisamos remover a mobília do quarto. Sra. Quirke, receio que terá de me ajudar. A não ser que seu marido vá estar conosco logo?”

“Ele está em uma viagem a negócios”, a mãe resmungou.

Joseph ficou desapontado. Eu o vi avaliar a gente e nossas chances de sobrevivência naquele pequeno bangalô nos penhascos de Scarborough. Entre ele, uma garota de nove anos e uma mulher na beira de um colapso nervoso, não parecia bom.

“Melhor começarmos a trabalhar”, ele disse com algo preso na garganta.

Joseph deixou-nos sozinhas com você enquanto foi ao quarto mover a mobília sozinho. Mais de trinta minutos depois, ele emergiu com um brilho de suor no rosto pálido. Fiz um copo de limonada para ele enquanto a mãe continuou encarando o espaço. A essa altura, você estava quieta. Ficou sentada como uma estátua no carpete, mal piscando, com um sorriso estranho no rosto. Eu ia amar saber se você se lembra disso, irmã. Ia amar saber o que você estava pensando esse tempo todo.

“O quarto está pronto”, Joseph anunciou. “Precisamos levar Susan para o quarto. Você vem conosco, Susan?”

Você virou-se para ele com aquele sorriso estranho, quase doce, no rosto. Por um instante, pensei que você estava prestes a tornar-se a modelo da obediência, pular do chão e segui-lo como uma boa garota. Acho que Joseph pensou o mesmo, porque o rosto dele iluminou-se com esperança. Mas,

então, aquele sorriso contorceu-se em uma careta, e você arranhou as unhas pelos antebraços. Joseph agarrou seus pulsos e você gritou como se ele tivesse queimado você. O padre hesitou, prestes a soltá-la, mas ele encontrou a força de algum lugar para puxá-la de pé e através da sala. O tempo todo você enterrou os calcanhares no carpete. Deve ter sido doloroso para você, mesmo assim você nunca parecia sentir.

Ajudei a mãe e seguimos você para o quarto, passando pela sua mobília do lado de fora no corredor. Dentro, o quarto estava vazio exceto pelos seus pôsteres dos Smiths e a sua cama, que havia sido despida até o colchão.

Ao redor de cada perna da cama havia uma algema.

“Não!” a mãe recobrou a consciência. “Não, não podemos fazer isso!”

Joseph lutou para colocar você na cama. Seus dentes rangeram para ele. “Não há o suficiente de nós para segurá-la. Ela pode se machucar, e nos machucar, se estiver solta.”

Quando ele fechou as algemas em seus pulsos e tornozelos, senti uma náusea crescendo em meu estômago. A mãe deu as costas. Você deu risada como se estivéssemos assistindo aos desenhos de novo. Quando o padre se inclinou para prender seu pulso direito, você lambeu a orelha dele e riu. Joseph, claramente intimidado pela situação inteira, deu um passo atrás, seu peito subindo e descendo rapidamente. Você continuou aquela risada: profunda e baixa e não natural, algo entre um rugido e uma risada. Parecia fazer a temperatura no quarto cair.

“Gosto de violência, padre”, você disse.

Ele ruborizou ficando da cor de beterraba. Eu sabia naquela época que padres não faziam sexo, mas imagino que nunca havia considerado as implicações completas e como o mundo deve parecer para um homem celibatário. Observando você, em suas roupas mínimas, contorcendo-se e lambendo como se seu corpo estivesse em chamas com desejo... deve ter parecido nojento para ele. Pareceu para mim, não tanto por causa do sexo, mas porque seu rosto parecia *errado*. A essa altura, um brilho esbranquiçado cobria sua pele e seus olhos mal piscavam. Tinha saliva nos cantos da sua boca. Seu cabelo estava gorduroso e lambido de suor. Tenho certeza de que você não quer saber isso. Espero que, caso chegue a ler esta carta, pule esta parte. Preciso escrever isso, não, preciso tirar isso de mim. Do contrário, não posso seguir em frente. É um fardo enorme demais para aguentar.

Joseph colocou uma parafernália da igreja em uma mesinha, o tempo todo com as mãos trêmulas. Lembro-me de olhar para o crucifixo com um arrepio. Se Deus realmente era bom, por que faziam os símbolos Dele tão perturbadores? Por que olhamos o filho Dele sangrar até a morte em uma cruz? Por que precisamos ver os pregos salientes na pele dele? Não me trazia conforto algum vê-los. Não lhe trouxe conforto algum também, você lutou contra as algemas e arqueou as costas para longe disso.

Talvez você e eu apenas não somos do tipo sagradas.

A mãe fez o sinal da cruz e o Joseph abriu um livro. Eu tinha esperado uma Bíblia, mas era um caderno.

Ele me viu observando. “Tive que escrever a passagem que eu precisava”, ele disse com um sorriso apologético.

As mãos dele trêmulas não me davam o menor senso de segurança. Estava claro para qualquer um no quarto que aquilo estava muito além da capacidade dele.

“Em nome de Jesus Cristo, eu ordeno que você...”

Você deu risada. Sua língua serpenteou e lambeu os lábios. Seus punhos bem apertados.

“...saia do corpo dessa amada Susan Quirke. Ela é amada por Deus.”

Você rugiu bem alto então, fazendo o padre derrubar o caderno no chão. Uma corrente de palavras tão depravadas saiu de seus lábios de forma que não houve uma pessoa no quarto que não

ficou ruborizada. Encontrei meu estômago se revirando com náusea.

“Talvez você devesse sair, Isabel”, Joseph sugeriu.

Balancei a cabeça.

“Isabel, Isabel, rima com céu. Mas não é onde estou. Eu estou sempre no inferno. Você gostou, irmãzinha? Gostou do que viu? Queria fazer também?”

Recuei da visão da minha irmã, contorcendo-se para cima e para baixo na cama, levantando a pélvis de forma sugestiva.

Joseph começou o discurso novamente, dessa vez com uma voz mais forte. Você soltou um grito estridente que mais senti do que ouvi. A mesa onde o crucifixo estava balançou e a cruz caiu. Joseph arrumou-a de novo e continuou.

“Ah, cala a boca, cala a boca!” você gritou. “Seu virgem. Seu virgem triste e patético. Temeroso do sexo. Vou lhe contar o que está perdendo—”

A mãe tapou minhas orelhas e puxou-me para o vestido dela, mas eu ainda ouvi. Não vou dizer. Não posso escrever isso. Foi horrendo. Às vezes, quando estou com um homem, ou sozinha no quarto, ouço aquelas palavras, e então tenho que parar. Não posso continuar. Você arruinou o prazer para mim. Sabia? Arruinou isso.

Desculpa, irmã. Às vezes esqueço que não era você.

O padre agarrou a cintura e curvou-se. Ele tinha suor derramando das têmporas e o rosto dele estava quase tão pálido quanto o seu. Nunca tinha visto, e provavelmente nunca verei novamente, alguém consumido pelo completo e absoluto pavor.

“Deixe Susan Quirke em nome de Jesus...”

A mesa começou a balançar, assim como a cama. O papel de parede descascou, o ar ficou frio congelante, e eu agarrei meu ursinho como se fosse minha vida. Era o último pedaço de inocência sobrando naquele quarto. A mãe soluçava e soluçava. Você rugia, rosnava e mastigava o lábio, puxando sangue.

O padre continuou, em uma voz fina cheia de medo.

Fechei os olhos e comecei a cantar The Cure — “Friday I’m in Love”. Precisava ouvir algo bonito.

Além disso, era a nossa música. Dançamos ao som dela no seu quarto uma vez, no último volume. Até a mãe juntou-se a nós, embora ela sempre diga que odeia aquela ‘coisa de rock’. Você me deixou usar sua maquiagem. Ficamos de mãos dadas e dançamos em um círculo.

Você não consegue ver, mas estou chorando agora. Pode haver manchas de lágrimas na página de agora em diante.

O padre conseguiu encontrar força suficiente para levantar a voz, e você gritou obscenidades para ele em uma voz de murmúrio ecoando. Apertei a mãe com mais força, e meu ursinho. Nós duas choramos bastante, afundando nossas bochechas em lágrimas. Aquilo não acabava nunca. Às vezes, a cama balançava. Outras vezes, você ficava tão imóvel que o silêncio nos apavorava mais. Os seus pôsteres dos Smiths descascaram das paredes, caindo em uma triste pilha no chão. O padre com frequência esfregava o suor da testa, apesar do fato que o quarto estava congelando. A mãe apertou minha mão até eu me preocupar que ela pudesse quebrar meus ossos. Por horas, ouvimos você gritar e berrar e xingar. Ouvimos declamações sobre sexo e sexualidade por horas, suas tiradas vulgares. As algemas esfregaram contra os seus pulsos até que uma corrente de sangue correu pelos antebraços. Depois de um tempo, eu não conseguia mais suportar isso. Não conseguia aguentar o que aquilo estava fazendo com você.

“Precisamos ajudá-la”, a mãe falou entre soluços. Ela parecia ter saído de seu atordoamento. “Ela precisa de água e bandagens.”

O padre ignorou a mãe, continuando com as palavras sagradas. Tomando a iniciativa, fui até a cozinha pegar um copo d’água, então ao banheiro atrás de bandagens. Quando voltei você estava imóvel. Sua cabeça estava inclinada para o teto, sem se mover, e seus olhos fechados firmemente. Seus lábios estavam separados de leve, mas eu não conseguia ver sua respiração. Quando cheguei mais perto de você, percebi um cheiro pútrido diferente de qualquer um que já tinha sentido antes. Era como carne podre e leite azedo e suor. Fiquei sem fala, mas continuei em sua direção.

“Isabel, o que está fazendo?” a mãe deu um passo até mim, mas não chegaria perto de você.

“Estou lhe dando água e cuidando dos cortes”, respondi.

O padre balançou a cabeça. “Não, você está cuidando do diabo. Você deveria se afastar dela. Não é mais a sua irmã aqui.”

Olhei para você. Era como se você estivesse dormindo. “Não, ela ainda é minha irmã, não importa o que aconteça.”

Virei a água em seus lábios e você começou a beber com os olhos ainda fechados.

“Viram, está tudo bem”, disse, virando-me para eles de novo.

Senti uma mudança em seu corpo. Você ficou rígida e abriu os olhos. Quando olhou para mim, eles eram espaços pretos e vazios. Puxei o copo de volta, e você falou, sua voz como um gravador devagar.

“Friday I’m in Love, irmã.”

O copo foi arrancado da minha mão por alguma força invisível e quebrou contra a parede. A mãe gritou e a mesa virou com um movimento brusco. A cama saltou para cima e para baixo enquanto você ria. O padre levantou a voz, mas você jogou-o pelo quarto. Não sei como, mas o fez. Fiquei de pé, congelada, minhas pernas presas, o ursinho agora sem vida aos meus pés. Observei o padre desmoronar contra o chão, inconsciente.

“Onde está o seu Deus agora?” você falou, virando-se para mim com aqueles olhos vazios e aquele sorriso.

Com um movimento quase desumano você sentou-se de repente ereta e as correntes das algemas racharam. A mãe correu para me proteger e você golpeou-a como uma mosca.

“Su?” falei, em uma voz baixa.

“Iz?” você respondeu.

Você virou o corpo até conseguir abaixar os pés para o chão, e então agarrou meus pulsos, trazendo seu rosto mais perto de mim.

Gritei, retorci-me e esquivei-me para fugir daqueles olhos que me penetravam. Eu não conseguia, eu não iria olhar para você.

“Qual o problema, Iz?” você reclamou. “Vamos apenas dar uma voltinha. Vamos passar um tempinho de irmãs.”

Esta é a parte da história que espero que você lembre. Quero que lembre o que aconteceu em seguida. Não, eu preciso que lembre, porque deveria ter moldado a nossa relação pelo resto de nossas vidas. Talvez o fez, mas em vez de nos deixar mais forte, dividiu-nos.

Você arrastou-me pela casa, sua respiração grossa como um fumante subindo a colina. Ela saiu congelada. Enquanto você me arrastava, eu tentava não olhar para o seu rosto. Era como uma máscara da minha irmã em outra coisa, algo escuro e muito perigoso.

Quando chegamos à porta da frente, eu gritei. Você imediatamente chutou a porta nas dobradiças com força sobre-humana e saímos pela noite.

Quando havia ficado de noite?

Foi então que percebi que tínhamos mantido você naquele quarto o dia todo e você havia ficado naquelas algemas por horas. Sinto muito, irmã. Não acredito que o padre fez algo bom por você. Não sei o que você precisava naquele dia. Mas não acho que funcionou, não com ele, não com você.

Fomos descendo a rua, suas unhas cavando minha pele. (Lembra como você costumava medir suas unhas com uma régua? Uma quase chegou a um centímetro). Eu não estava com sapatos e o cascalho esfregava dolorosamente contra as solas dos meus pés.

O escuro envolveu-nos. Estávamos mais próximas do que nunca e, mesmo assim, tão distantes. Você arrastou-me pela colina até a cidade. Mais tarde, descobri que havia um vento da escala Beaufort cortando Scarborough naquela noite. Era um céu claro, mas o vento esmurrava contra nós. Tive que virar a cabeça e tentar engolir o ar para respirar. O vento urrava em meus ouvidos. Ele pressionava contra o meu peito, forçando o caminho para os pulmões até que eu pensei que estava sufocando. Era assim que você se sentia, presa por aquela coisa? Sufocada? Incapaz de respirar? É assim que eu imagino.

Se alguém achou estranho ver uma adolescente em visível agonia arrastando uma garota mais nova pelo centro da cidade, ninguém nos deteve. Não me recordo de ver alguém; era uma noite pacata por causa do vento. Você nunca parou. Continuou indo, e com uma virada no meu estômago percebi aonde estava me levando.

O mar.

As ondas derramavam por cima do muro na rua principal. Nunca as tinha visto tão violentas.

Enterrei os calcanhares quando as vi. Precisava que você parasse, precisava que me deixasse ir. E, então, comecei a implorar.

Você se lembra de eu implorando? Lembra?

Chorei, gritei e arranhei seus braços com as minhas mãos, mas você ignorou cada vez. Em vez disso, você começou a cantar “Friday I’m in Love” sob a respiração. Você puxou-me como se eu fosse uma boneca de pano. Nós seguimos pela estrada até a faixa principal da praia.

“Não”, eu disse. “Não, não, por favor. Farei qualquer coisa, Su. Farei qualquer coisa. Não, não. Por favor, pare.”

Eu até gritei por ajuda, sabendo que ninguém conseguiria ouvir meus gritos por sobre o som do vento rugindo pela costa.

“Hora de se limpar”, você falou. “Hora de limpar o que é sujo.”

Na época, pensei que estivesse se referindo a mim. Pensei que eu fosse a suja porque você me odiava. Só agora percebo que estava falando sobre si mesma. Só agora sei o que era tudo aquilo.

Foi porque eu vi você naquela noite.

Vi você com o Ricky, e isso teve algum efeito em você. Fez você sentir-se suja.

Foi tudo culpa minha. Se eu não tivesse sido curiosa naquela noite. Se eu não tivesse saído e observado você no carro, você nunca teria feito nada disso. Claro, poderia ser que você *estava* possuída por um demônio. Você pode argumentar que havia muita evidência que sugeria isso. Mas é possível que tudo o que aconteceu naquela noite foi por causa da culpa que você sentia? Li tantas coisas na biblioteca sobre garotas adolescentes, hormônios fortes e emoções fortes. A culpa de uma adolescente tem tanto poder quanto um vulcão em erupção. Ela derrama lava em tudo e todos no caminho. Acredito que possa descascar papéis de parede e jogar padres contra a parede também.

“Vamos, irmãzinha”, você falou enquanto me arrastava pela areia molhada. “Hora de ser batizada.”

Acho que eu sabia, mesmo na época, que você pretendia afogar nós duas. Aquela era a sua ideia de limpeza — aceitar a morte, deter os pecados do futuro. Lutei contra você, gritando inutilmente ao vento. Você encarou-me pela primeira vez desde que me arrastara de casa. Seus olhos estavam normais de novo, mas fixos com determinação. Nunca mais os vi assim desde então, e acho que se o fizesse, daria meia-volta e correria para o lado oposto o mais rápido que pudesse.

"Você acha que Deus vai nos deixar entrar no paraíso?" você disse. "Você acha que Ele vai nos amar?"

Você quis dizer *Ele vai me amar?*

Era a culpa. Você sentia-se culpada.

"Não sei", respondi, jovem demais para entender o que você dizia. Eu estava com muito medo. Jovem demais para decidir no que acreditar, se eu achava que o paraíso existia.

Ainda não sei, irmã. Nem mesmo após chegar tão perto de descobrir. Sou uma daquelas pessoas que nunca saberão. Talvez eu vá tratar minha vida como se o paraíso fosse bem aqui na Terra. Talvez eu seja essa pessoa.

Quando a primeira onda bateu contra nós, perdi o apoio e você me puxou para cima. Pelo mais breve dos instantes, pensei que talvez você tivesse mudado de ideia e não quisesse mais nos matar. Mas, então, meu estômago afundou quando você me puxou mais para dentro da água congelante. Arfei e meu coração quase parou quando uma onda maior colidiu contra nós, mais alta que nossas cinturas dessa vez.

Você não parecia afetada pelo frio. Seu queixo estava fixo. Os dentes cerrados. Você se movia pelas ondas com relativa facilidade.

"Susan, por favor", implorei. "Não quero ir. Estou com frio. Me leva pra casa. Por favor."

"Não", você disse. "Você acha que eu sou maligna. Vocês todos acham isso."

"Não achamos", falei. Já tínhamos passado das ondas agora. Estávamos com água até o meu peito e pouco abaixo do seu. "Prometo que não acharemos. Vamos ajudar você. O papai volta para casa logo. Ele vai resolver tudo. Você vai ver."

"Eu os vi, sabe? A mãe e aquele... aquele homem. Eu os vi juntos no sofá. Foi no dia que voltei mais cedo da escola com uma infecção. Foi imundo. Eles são imundos." Você parou. "Há um demônio dentro de mim?" Eu mal ouvi você acima do som do mar. "Estou com o demônio agora?"

"Não sei", gritei. "Vamos para casa descobrir."

"Odeio você", você falou. Você olhou para mim e, então, não vi demônio nenhum dentro de você. Apenas você. "Odeio você e não sei por quê."

"Eu amo você", respondi.

Pelo mais breve dos segundos, tudo ficou quieto e imóvel. O vento parou. O mar quase se acalmou. Estávamos imóveis. Você encarou-me. Você estava com o cabelo molhado e as bochechas molhadas dos respingos do mar. Seus lábios estavam azuis de frio. Um sorriso estremeceu nos cantos da sua boca.

"Amo você também", você disse.

E, então, puxou-me para debaixo d'água.

Aos nove anos, eu não tinha sentido muita dor. Teve a vez que eu abri a cabeça caindo de bicicleta na beira da calçada. Aquilo doeu bastante, embora eu fiquei inconsciente bem rápido. Teve outra vez quando prendi os dois dedos na porta do carro e eles ficaram roxo. Aquilo doeu também.

Nada doeu tanto assim desde então. Nada. Estou lhe dizendo, Su. Pulmões queimando e quase se afogar é uma bosta. E você foi uma vaca por fazer isso comigo.

Talvez eu vá sentir dor assim de novo. Provavelmente antes do esperado.

O pânico foi indescritível. Ardente. *Preciso viver. Quero viver. Preciso viver. Isso não pode acontecer. Não. Não. Não pode. Devo mudar isso.*

Ouvi-a então. Ouvi nossa música e vi nós duas dançando.

Tínhamos nos afastado da praia e meus pés não mais tocavam o fundo do mar. Lutei no seu aperto. Finalmente, lembro-me de ficar fraca. Uma sensação de calma tomou-me. Mas na calma estava a escuridão. Senti o escuro por toda a parte.

Você soltou-me, mas eu ainda não estava morta. Eu tinha energia apenas suficiente para me forçar a abrir os olhos e levantar. Vomitei no mar e, então, engoli o ar, desesperada por oxigênio. Meus pulmões doíam. Meu peito estava em chamas com a dor. Seus olhos se arregalaram quando me viu. Eu tossi e tossi.

Bati em você. Bati em você de novo e de novo, gritando o mais alto que conseguia. Gritei com você mais vezes. Seu rosto em choque apenas absorveu tudo. Para o seu crédito, você recebeu a punição sem nem lutar de volta.

De repente, você desmoronou. Começou a soluçar. Suas lágrimas misturaram-se com a água marítima enquanto subíamos e descíamos na maré.

"Me desculpa", você falou. "Não sei por que fiz isso."

Por um longo instante, não soube por que também, mas agora sei. Agora tenho a idade que você tinha quando tentou me afogar. Sei o que sentiu. Entendo a vergonha e a sujeira. Sei como é sentir-se assim e ter todos os adultos em sua vida dizendo-lhe que é errado. Tenho um lembrete duradouro também. Nunca irei escapar da escolha que fiz.

É errado. Não deveríamos sentir-nos assim. Não deveríamos ser feitas para nos sentir assim.

Abrimos caminho na água encarando uma a outra, tremendo por causa do frio congelante. Seu queixo tiritava e lágrimas alagaram seus olhos. Agarramo-nos uma a outra então. Em um instante, o passado foi esquecido e éramos apenas duas irmãs apavoradas pela vida delas. Tínhamos nos afastado da terra, e agora não tínhamos escolha a não ser tentar e nadar de volta para a praia com o vento e a maré puxando-nos para longe.

"Susan, não consigo... não consigo nadar tanto", eu disse, minhas palavras incoerentes pelo tanto que eu tremia.

Havia pena em seus olhos. Nós duas sabíamos que eu era uma terrível nadadora. Eu nem mesmo pularia na parte rasa da piscina. Só havia tirado minhas boias de braço duas vezes.

"Vou ajudar você", você falou. E seus olhos voltaram para aquele olhar determinado, mas dessa vez me deu conforto.

Você enfiou-me debaixo de um braço e com o outro, as algemas quebradas ainda no pulso, você lutou contra a água, arrastando-nos para a frente. Com cada braçada, éramos empurradas de volta ao mar. Você parou e tossiu água. Então, ficou mais forte e continuou.

"Bata os pés!" você gritou acima do som da ventania.

Eu batia furiosamente. Movia minhas pernas o mais rápido e forte que conseguia. Os músculos da minha panturrilha protestavam e eu continuava batendo.

Cada vez que chegávamos um pouquinho mais longe, o mar puxava-nos de volta. Mas não desistimos, você e eu. O mar não tinha chances contra duas garotas no meio do despertar delas. Você permaneceu aquela força tipo vulcão, forçando-se para a frente e contra a maré. Nós tossimos e balbuciamos e seguimos em frente. Lutamos, Susan. Lutamos mais forte do que jamais tínhamos feito. E lutamos *juntas*. Não foi uma contra a outra. Foi uma *pela* outra.

Nos anos que seguiram aquela noite, nossas vidas foram separadas com frequência. Ainda assim, existiram algumas ocasiões ímpares em que ficávamos juntas tão forte quanto éramos quando

nadamos de volta para a terra. E, naqueles momentos, compartilhamos um laço que só poderia ser rompido por nós mesmas. Por que continuamos rompendo esse laço repetidas vezes?

Vencemos o mar, irmã. Pensamos que iríamos afogar mais de uma vez, mas não o fizemos. Chegamos à praia um pouco quebradas, mas não derrotadas. Tremíamos. Caímos juntas na areia molhada.

Um grito cortou o vento, e duas figuras correram até nós. Imediatamente vi a batina ondulada do padre e minha garganta engrossou. Chega. Chega daquilo. Lutei para ficar de pé e parei entre ele e você.

“Não! Ela é minha irmã. Deixe-a em paz.”

“Ela é o demônio, criança. Devo separá-la da presença dentro dela.”

Você impulsionou-se para cima de joelhos e encarou o padre. Acredito que foi o máximo que conseguiu se mexer.

“Não, não mais”, você disse. “Sou a Susan. Sou eu.”

O padre deu um passo à frente e examinou você. Ele apalpou e cutucou seu rosto. Ele pressionou o crucifixo no seu peito.

“Acho que é verdade.”

A mãe apressou-se para a frente e voou os braços ao seu redor.

Mas ainda não havia acabado.

Você foi dormir, e foi um bom tempo até que acordasse. E quando o hospital viu suas algemas, presumiram o pior. Aquilo iniciou as entrevistas com os Serviços para Crianças. Repetidas vezes, fiquei sentada em uma sala com um estranho, descrevendo tudo que havia acontecido. Exceto que eu menti. Tive que fazê-lo ou teriam prendido a mamãe. Talvez você ache que ela deveria ter ido para a prisão, não sei. O que outra pessoa teria feito naquela situação? Acho que ela tomou uma decisão errada, mas não posso odiá-la por isso.

Disse que você fez aquilo a si mesma e que teve um colapso. Quando chegou a hora de descrever o que aconteceu no mar, deixei de lado o afogamento. E aqui está, irmã. Pelo menos eu poupei-a disso.

Por dias você permaneceu naquela cama de hospital, dormindo. Você tinha gotejamento entrando no corpo. Parte de mim se perguntava se você era como uma mariposa em uma crisálida e se sairia uma nova pessoa.

Eu estava certa.

Quando retornou para nós, você estava diferente. Você tinha perdido seu sorriso, Susan. Tinha perdido seu espírito. Acho que o quarto trazia lembranças ruins para você, porque você o redecorou, removendo cada traço de personalidade e criando pouco mais de um espaço vazio com paredes brancas. Você passava o tempo todo estudando. Parou de ouvir música e de ler por prazer. Jogou fora toda a maquiagem e suas saias curtas e bijuterias.

Você não bebia ou fumava e nem tomava café.

Mal saía de casa e suas amigas ficaram cada vez mais frustradas com você até que finalmente desistiram.

Daquele instante em diante, vi você esforçar-se pela normalidade. Era sua missão, estar no controle de uma existência mundana entediante. Você estava determinada a trabalhar duro, encontrar um marido e ter uma família. Essa era sua nova ambição, e divertir-se não era um fator incluído.

Eu entendo. Susan, você precisa de controle porque perdeu-o de uma forma tão colossal. Às vezes, acho que você *estava* possuída naquela noite. Acho que algum tipo de espírito se agarrou a

sua culpa e ficou por lá. Mas era *você* falando naquela noite. Era você. E parte meu coração que você se sinta assim.

Fiquei tão feliz por você quando se casou. Eu queria que você amasse isso, saboreasse, e ainda assim você não conseguia. Era apenas outro dia para você. Outro dia para controlar.

Houve relances. Houve vezes em que a velha Susan espiava pela neblina. Quero agarrar isso e forçá-lo para fora de você. Mas não posso. E, neste momento, você está de volta àquela fase determinada. Você viu o próximo nível de normalidade que deve atingir, e não deixará ninguém ficar no caminho.

E, por causa de outra decisão que tomei, por causa da curiosidade novo, acho que posso perdê-la para sempre.

Sim, transei com Ricky Fuller. Sim, terei uma filha dele.

Não era para acontecer assim, Su. Sinto muito. Tive o mesmo desejo que você teve naquela noite quando saí de casa e vi você no carro dele. Mas quer saber? Recuso sentir sua culpa. Recuso tornar-me uma mulher louca e possuída porque cometi um erro.

Ninguém quer falar sobre isso, quer? Isso me deixa maluca. Assisto a filmes e são todos sobre como os homens querem isso, como os homens são obcecados com isso. Bom, eu também quis, e tomei. Isso me torna tão ruim? Isso me torna uma prostituta?

Talvez as pessoas só se importem por causa desse bebê.

Não irei controlá-la, Susie. Sei que você o faria, mas eu não vou. Não vou fazê-la se sentir culpada por nada. Vou contar-lhe que ela foi concebida em um momento de puro prazer do hedonismo. Não irei lhe contar que o pai dela é aquele idiota do Ricky Fuller. Ele não quer nada com a minha filha de qualquer jeito. Vou contar-lhe que ele era um homem bonito e romântico de um país distante.

Tenho que ir agora porque a Lila está pressionando a minha bexiga.

Irmã. Penso em você sempre. Vejo você em meus sonhos e em meus pesadelos. Amo e odeio você, assim como você me ama e odeia. Acho que não a perdoo por aquela semana. Mas eu não mudaria uma coisa sequer. Nunca. Porque então nunca teríamos lutado juntas, e nunca teríamos vencido.

# ~ Nota da Autora ~

*Um enorme obrigada por apoiar autores independentes ao comprar este livro. Como uma autora que tem publicado os próprios livros, dependo dos leitores para divulgarem meu trabalho. Que tal aproveitar para fazer exatamente isso e escrever sua opinião?*

Cadastre-se para ser o primeiro a saber sobre os futuros lançamentos de Sarah Dalton.

# Sobre a Autora:



Sarah cresceu no meio do nada no interior de Derbyshire e, como resultado, tem uma imaginação hiperativa. Tem sido uma ávida leitora pela maior parte da vida, inspirando-se nas histórias que leu quando criança e nos romances que devorou já adulta.

Sarah escreve principalmente ficção especulativa para um público Jovem Adulto e teve algumas ficções curtas publicadas no *Medulla Literary Review*, revistas *Apex* e *PANK*, e na publicação da Sociedade Britânica de Fantasia, *Dark Horizons*. Seu conto 'Vampires Wear Chanel' faz parte de *Fangtales*, da Wyvern Publication.

Há inúmeros livros, de fantasia a terror para Jovens Adultos, então fique de olho para mais informações!

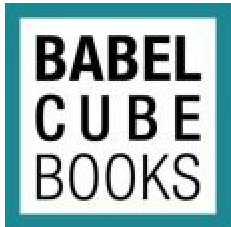
www.sarahdaltonbooks.com
http://www.facebook.com/sarahdaltonbooks
@sarahdalton

## Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificaÃ§Ã£o, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

## Procurando outras ótimas leituras?




**Seus livros, seu idioma**

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

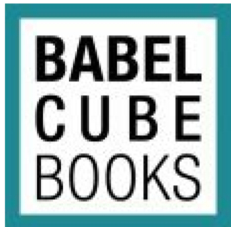
www.babelcubebooks.com

## Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificaÃ§Ã£o, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

## Procurando outras ótimas leituras?




**Seus livros, seu idioma**

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com